O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

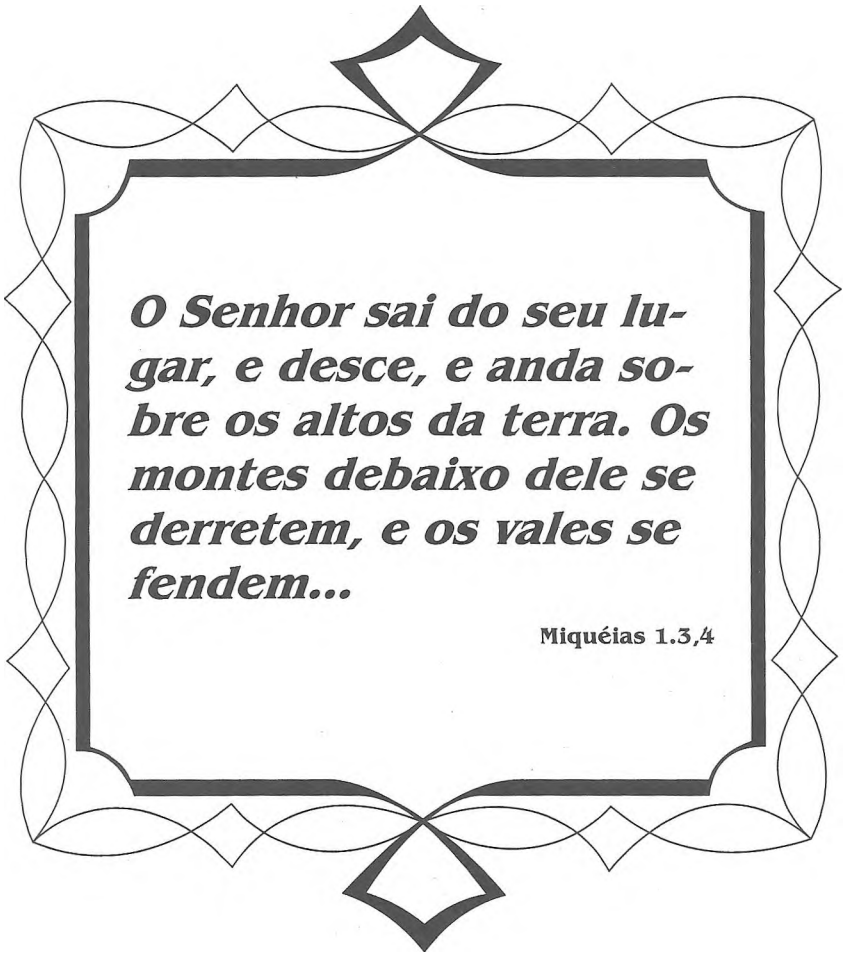
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

MIQUÉIAS

HAGNOS

MIQUÉIAS

O Livro que Descreve a Apostasia de Judá que Provocou o Cativeiro Babilônico


O Senhor sai do seu lugar, e desce, e anda sobre os altos da terra. Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem...
Miquéias 1.3,4

Miquéias

7 Capítulos
105 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Unidade
III. Autoria
IV. Data
V. Razão e Propósito
VI. Condições do Texto
VII. Problemas Especiais
VIII. Esboço do Conteúdo

I. Caracterização Geral

O nome Miquéias vem de uma palavra hebraica que significa "Quem é como Yahweh?". O nome do autor do livro de Miquéias aparece na Septuaginta como *Michaías*. A Vulgata Latina diz *Michaeas*. Ele foi o autor do livro que figura em sexto lugar na disposição dos profetas menores, segundo o nosso cânon do Antigo Testamento. No texto do cânon hebraico, aparece no "livro dos doze profetas"; e, na Septuaginta, aparece em terceiro lugar entre esses profetas. O seu livro é mencionado por Ben Siraque (Eclesiástico 48.10), de maneira tal que fica confirmada a sua aceitação, desde tempos antigos, como parte das Sagradas Escrituras do Antigo Testamento.

O profeta Miquéias ministrou durante os reinados de Jotão (742—735 A.C.), Acaz (735—715 A.C.) e Ezequias (715—687 A.C.), ou seja, por cerca de cinqüenta anos. O trecho de Jeremias 26.18 refere-se a isso, quando diz: "Miquéias, o morastita, profetizou nos dias de Ezequias, rei de Judá, e falou a todo o povo de Judá...". Visto que o sexto capítulo de seu livro foi dirigido a "Israel" (ver Miq. 6.2) e visto que o primeiro capítulo de seu livro alude queda de Samaria (Miq. 1.5 ss.), é evidente que sua carreira começou antes de 722 A.C., quando Samaria caiu, pois Miquéias profetizou sobre essa queda bem antes de ela ter ocorrido.

A grande potência mundial e a constante ameaça a segurança do povo hebreu, na época de Miquéias, era a Assíria, governada, sucessivamente, por Tiglate-Pileser III (745—727 A.C.), Salmaneser V (727—722 A.C.), Sargão II (722—705 A.C.) e Senaqueribe (705—681 A.C.). Durante a primeira parte da vida de Miquéias ocorreu a guerra siro-efraimita, que teve, como contendores, por um lado, Judá, e, por outro lado, a coligação de Israel (nação do norte) com a Síria. Parte da razão desse conflito foi a recusa de Acaz de juntar-se na aliança ocidental contra Tiglate-Pileser III. Miquéias, pois, acabou sendo testemunha da derrota do reino do norte e da queda de sua capital, Samaria, diante da Assíria, em 722/721 A.C. E o final de seu ministério provavelmente ocorreu antes da invasão encabeçada por Senaqueribe (ver II Reis 18.13 ss.), que cercou Jerusalém, reino do sul, em 701 A.C., dando motivos para a construção do túnel de Siloé, por parte do rei Ezequias. De fato, até mesmo isso, e o futuro exílio babilônico, foram preditos por Miquéias, quando ele disse: "... as suas feridas são incuráveis; o mal chegou até Judá; estendeu-se até à porta do meu povo, até Jerusalém" (Miq. 1.9).

Miquéias vivia na fronteira entre Judá e uma "terra de ninguém", cobiçada pelos filisteus, pelos egípcios e até pelos assírios. Os levantes dos filisteus contra a Assíria, que sucederam no período entre 721 e 711 A.C., estavam em mira. As incursões de Sargão II, naquela área, entre 715 e 711 A.C., talvez estejam em pauta no trecho de Miq. 1.10-16. Acaz conseguia manter uma paz muito precária, pagando tributo aos assírios. Durante o longo reinado de cinqüenta e dois anos de Uzias (terminando em 742 A.C.), e depois, houve um período de prosperidade econômica comparativa, ocasionada em parte pelo fato de que Judá passou a controlar o comércio entre o interior e o porto de Elate, ao sul (cf. II Reis 14.7). Essa prosperidade concentrou riquezas e seu conseqüente poder nas mãos de alguns poucos privilegiados, provocando injustiças sociais que o profeta atacou decididamente. Ver, por exemplo, Miq. 2.2. "Cobiçam campos, e os arrebatam, e casas, e as tomam; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança".

Muitos estudiosos opinam que as reformas religiosas instituídas pelo rei Ezequias, de Judá, ocorreram perto do fim do ministério registrado de Miquéias. Ou, então, essas reformas afetaram somente o cerimonial e o culto, alcançando pouco impacto sobre a vida pessoal e social dos judaítas. Esse é o pano de fundo do livro de Miquéias.

II. Unidade

Por muitos séculos, o livro de Miquéias foi considerado uma unidade literária. Um dos primeiros eruditos a pôr em dúvida essa unidade foi Stade, que entre 1881 e 1884 afirmou que tudo quanto aparece depois do terceiro capítulo do livro não foi escrito pelo profeta Miquéias. Atualmente, a maioria dos especialistas pensa que os capítulos quarto a sétimo do livro consistem em duas ou mais coleções de miscelâneas, adicionadas como suplementos ao livro original de Miquéias, talvez depois do exílio babilônico. Também há eruditos modernos que pensam que até mesmo porções desses últimos quatro capítulos do livro contêm elementos legitimamente pertencentes a Miquéias, embora discordem quanto às porções e às proporções exatas. Mas a falta de concordância entre os críticos faz com que a questão permaneça em aberto, no tocante às conclusões deles.

Por outra parte, há argumentos substanciais em prol da unidade do livro de Miquéias. Esses argumentos são em número de seis, a saber:

1. Três oráculos separados são iniciados, neste livro, pela palavra "ouvi" (ver 1.2; 3.1 e 6.1), indicando um único escritor.
2. As mudanças de assunto (que os críticos tomam como indicações de uma autoria composta) podem ser explicadas com base no fato de que o livro é uma coletânea de oráculos fragmentares de um único profeta, e não registros de extensos discursos.
3. O mesmo simbolismo do "pastor" acha-se espalhado pelo livro inteiro, segundo se vê em 2.12; 3.2,3; 4.6; 5.3 ss. e 7.14.
4. O artifício literário da "interrupção e resposta" encontra-se em cada uma das seções do livro (2.5,12; 3.1; 6.6-8 e 7.14,15).
5. Por todo o livro há freqüentes alusões ou referências históricas, demonstrando uma única mão escritora.
6. Pelo menos vinte e quatro passagens extraídas de outros profetas do século VIII A.C.—Oséias, Amós e Isaías, além de duas passagens em Joel, que talvez também tenha escrito no século VIII A.C.—encontram paralelos nos capítulos quarto a sétimo de Miquéias, o que argumenta que o livro inteiro foi escrito naquele século.

Outrossim, os argumentos contrários à unidade do livro de Miquéias, com base no fato de que a linguagem de Isaías 40—66 se assemelha à linguagem de Miquéias 4—7, são duvidosos, porquanto dependem da data em que foram escritos os capítulos 40 a 66 de Isaías. Ver no *Dicionário* sobre a questão do *deutero-Isaías,* um autor desconhecido, que teria escrito esses capítulos finais do livro de Isaías, em lugar do profeta assim chamado.

III. Autoria

O profeta Miquéias era nativo de Moresete (em nossa versão portuguesa, "morastita" 1.1, um local talvez idêntico a Moreste-Gate—dependência de Gate;—cf. a Septuaginta, *Kleronomías Gèth*, 1.14). Alguns estudiosos identificam esse lugar com o antigo nome locativo no grego, Marissa. O local fica na área em redor de Beit Jibrin, cerca de quarenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Jerônimo a localizava imediatamente a leste de Jibrim; mas outros a têm situado em Tell el-Judeideh, ou em Tell el-Menshiyeh, cerca de dez quilômetros e meio a oeste de Beit Jibrin. Moresete é mencionada por nome em Jos. 15.44; II Crô. 11.8; 14.9,10 e 20.37. Sua localização geográfica fazia da cidade um posto avançado de fronteira, de onde era possível observar facilmente quaisquer movimentos militares na região. Os assírios passaram por ali nos anos de 734, 711 e 701 A.C., e se

defrontaram com os egípcios em Rafia, em 719 A.C., nas proximidades. Portanto, o ponto de vista de Miquéias não era o de um homem isolado e distante, mas, antes, de alguém vitalmente interessado nos negócios estrangeiros de sua nação. Como nativo da *Shephelah* (ver a respeito no *Dicionário*) que era, Miquéias sentia profundamente as desgraças do povo pobre do interior de sua nação ameaçada.

Miquéias foi homem corajoso, dotado de fortes convicções e de rara fé pessoal. Alguém sumariou muito bem o caráter e as atitudes dele ao escrever que as características de Miquéias eram moralidade estrita, inflexível devoção à justiça tanto na lei quanto nas ações práticas, e grande simpatia para com os pobres. O que mais perturbava o profeta Miquéias eram as injustiças sociais prevalentes em seus dias. Tais injustiças, segundo ele ensinou claramente, só poderiam ser apagadas mediante o reavivamento religioso. Para Miquéias, entretanto, isso só ocorreria, para valer, por ocasião da restauração futura do povo de Israel, por obra e graça do Messias. Essa é a mensagem central dos capítulos quarto a sétimo do livro. Serve de exemplo disso o trecho de Miq. 4.6. "Naquele dia, diz o Senhor, congregarei os que coxeiam, e recolherei os que foram expulsos e os que eu afligira". Isto posto, se os israelitas não se voltassem de todo o coração para o Senhor, Deus haveria de visitar a nação com açoites (os exílios assírio e babilônico). Porém, a esperança final é acenada ao povo de Deus, mediante a vinda do Messias a este mundo, em Belém: "E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Miq. 5.2).

IV. Data

Os estudiosos discordam quanto às datas exatas do começo e do fim do ministério de Miquéias. Lê-se em Miq. 1.1 que ele profetizou "nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá". Além dessa informação inicial, que alguns eruditos pensam ter sido uma adição feita por algum editor pós-exílico, todas as evidências cronológicas são escassas e apenas inferenciais. O conteúdo do sexto capítulo do livro parece indicar uma data anterior a 722 A.C. para aquele oráculo. A citação de Jeremias do terceiro capítulo de Miquéias (ver Jer. 26.18,19) parece datar essa seção durante o reinado de Ezequias, rei de Judá. A descrição feita por Miquéias sobre a corrupção prevalente e a imoralidade ajusta-se às condições que havia durante o reinado de Acaz (735—715 A.C.). Parece provável que a maior parte de seus oráculos proféticos registrados tenha sido proferida durante o período de 727—710 A.C.

A menos que as reformas encabeçadas por Ezequias tivessem deixado as condições sociais sem nenhuma modificação, o ministério de Miquéias deve ser situado antes desse reavivamento. Miquéias pregou tanto contra o reino do norte como contra o reino do sul, embora enfeixasse a atenção principalmente sobre o reino do sul, Judá.

V. Razão e Propósito

Procedente das classes mais pobres, Miquéias tinha plena consciência das injustiças praticadas pelos ricos e da avareza que os dominava. Apesar de estar vivamente interessado nas condições políticas da nação, Miquéias só fez comentários a esse respeito naquilo em que essas condições estavam vinculadas à situação moral e religiosa do povo. Sua mensagem pode ser sumariada com as suas próprias palavras: "Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado" (Miq. 3.8). Foi em razão dos pecados de Seu povo que Deus estava enviando os assírios como látego castigador. Todavia, o castigo divino haveria de ser seguido por um período futuro de bênçãos sem paralelo, ligadas à vinda do Messias. Para Miquéias, pois, a fé em Yahweh deve resultar em justiça social e santidade pessoal, porquanto Yahweh é justo e soberano. Exemplos evidentes de falta de fé na proteção de Yahweh, por parte dos monarcas do povo de Deus— incredulidade também evidenciada por parte do povo comum—foram a recusa de Acaz de pedir um sinal (Isa. 7.12) e o pagamento de tributo que Ezequias teve de fazer aos assírios (II Reis 18.14-16). Miquéias, portanto, foi o porta-voz do queixume de Deus contra o Seu povo (ver o sexto capítulo), tendo anunciado um vindouro e certo castigo divino. No entanto, a misericórdia de Deus haverá de prevalecer finalmente, conforme anuncia Miquéias no sétimo capítulo do seu livro.

VI. Condições do Texto

O texto hebraico do livro de Miquéias parece ter sido bastante bem preservado até nós, conforme se vê mediante a comparação com o texto da Septuaginta. As várias versões antigas (sobretudo a Septuaginta) são de grande ajuda na correção do texto massorético, quanto aos sinais vocálicos. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Texto Massorético*.

VII. Problemas Especiais

No estudo do livro de Miquéias, destacam-se três problemas especiais, que exigem cuidadosa abordagem:

O primeiro é que, em vista de uma abrupta transição, vários eruditos pensam que o trecho de Miq. 2.12,13 está fora de lugar, ou, pelo menos, trata-se de uma interpolação. Essas palavras dizem: "Certamente te ajuntarei todo, ó Jacó; certamente congregarei o restante de Israel; pô-los-ei todos juntos, como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do seu pasto; farão grande ruído por causa da multidão dos homens. Subirá diante deles o que abre caminho; eles romperão, entrarão pela porta e sairão por ela; e o seu Rei irá adiante deles, e o Senhor à sua frente". Há cinco explicações possíveis, a saber:

a. Essas seriam palavras dos falsos profetas, que tentavam insuflar esperança no povo (Ibn Ezra, Michaelis), ou, então, uma nota marginal feita por Miquéias ou por alguém que dizia qual o ensino dos falsos profetas (Ewald); ou mesmo as palavras de um falso profeta que interrompera Miquéias (Van Orelli). O ponto de fraqueza dessa interpretação é que seria realmente extraordinário, se um falso profeta admitisse a realidade do exílio futuro—"pois os falsos profetas sempre anunciavam falsas esperanças, dando a entender que nunca a nação de Israel ou a nação de Judá seriam arrancadas de sua Terra Santa!
b. Essa passagem seria uma composição posterior, pós-exílica (Smith, no ICC). Portanto, não seria uma predição e, sim uma narrativa, embora vazada em forma de predição.
c. A passagem dá prosseguimento à ameaça de Miq. 2.10, ou seja, Jacó seria reunido para ser castigado (Kimchi, Efraim Siro, Theodoreto, Calvino, Van Hoonaker).
d. A passagem é genuína e pertence ao contexto.
e. A passagem é genuína, mas está deslocada de seu verdadeiro lugar (Van Ryssel, Koenig, Driver).

Talvez a explicação mais segura seja aquela que diz tratar-se de uma interrupção, feita pelo Espírito de Deus, que quebrou o fluxo das ameaças (que certamente se cumpririam), em um arroubo de misericórdia e graça (mostrando o que certamente ocorreria no futuro, após o castigo haver sido descarregado sobre o rebelde povo de Israel e Judá). Não aceitamos a explicação que diz que esse trecho representa a citação que Miquéias teria feito de um falso profeta, falando sobre o remanescente deixado pelos assírios, depois de 722 A.C. Por que motivo se poria na boca de um falso profeta uma predição que certamente teria cumprimento e que encontra reflexo em tantas outras passagens do Antigo Testamento? Ver, por exemplo, Isa. 1.26; 11.12; 60.10; Eze. 20.40; 36.8; Zac. 1.17; 10.6; 14.11; Mal. 3.4. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Restauração de Israel.*

O segundo problema do texto do livro de Miquéias envolve o relacionamento entre o oráculo de Miq. 4.1-3 e a passagem idêntica em Isa. 2.2-4. Quase todos os intérpretes mais antigos opinavam que Miquéias tomou por empréstimo, de Isaías, esses três versículos de

seu livro. A explicação é que há diferenças suficientes, dentro do contexto e na extensão dos oráculos de Isaías e de Miquéias, que nos capacitam a argumentar que ambos os profetas fizeram uso de algum oráculo "já existente", emitido por algum profeta anterior. Deve-se observar que, no livro de Miquéias, esse oráculo ajusta-se ainda melhor ao contexto do que no livro de Isaías. Não há nenhuma dificuldade em harmonizar esse trecho de Miquéias com outros livros e passagens do Antigo Testamento. Assim, Miq. 4.3 pode ser cotejado com Joel 3.10, onde o leitor verá perfeita consonância de idéias, como se elas formassem um tesouro comum dos profetas do século VIII A.C.

O terceiro problema do livro de Miquéias consiste na ocorrência da palavra "Babilônia", em Miq. 4.10. Essa passagem diz: "... agora sairás da cidade, e habitarás no campo, e virás até Babilônia: ali, porém, serás libertada; ali te remirá o Senhor da mão dos teus inimigos". Esta passagem, entretanto, só constitui problema para aqueles que negam o elemento preditivo nas profecias bíblicas. Esses pensam que a menção à Babilônia indica que algum editor posterior é o autor dessas palavras (após 605 A.C., quando o poder de Nabucodonosor se tornara evidente). Ainda outros pensam que "Babilônia" deveria ser entendida, aqui, como uma alusão à Assíria. Explicações dessa natureza alicerçam-se sobre a incredulidade, como se o Espírito de Deus não pudesse referir-se a acontecimentos futuros, dando até o nome de países e de indivíduos nessas predições. Ver a menção a *Ciro,* em Isa. 44.28 e 45.1.

VIII. Esboço do Conteúdo

A maioria dos estudiosos divide o livro de Miquéias em três seções principais, a saber:

a. Julgamentos de Yahweh contra Israel e Judá (caps. 1—3)
b. Visão de um futuro glorioso (caps. 4 e 5)
c. Controvérsia de Yahweh com seu povo e promessa de bênçãos futuras (caps. 6 e 7)

Essa é uma divisão do livro da maneira mais simples, sem entrar em detalhes. Se preferirmos um esboço do conteúdo mais pormenorizado, poderíamos pensar em algo como damos abaixo:

1. Juízo vindouro contra Israel e Judá (1.1-16)
2. Israel será restaurado, depois de ser castigado (2.1-13)
3. Denúncias contra os príncipes e os falsos profetas (3.1-12)
4. A paz e a glória vindouras de Jerusalém (4.1-13)
5. Sofrimentos de Sião e sua restauração (15.1-15)
6. Contraste entre a religião profética e a religião popular (6.1-16)
7. Corrupção social; declaração final de fé em Deus (7.1-20)

Observações sobre o Conteúdo. No seu livro, Miquéias destaca os nobres (no hebraico, *roshim*), os governantes civis (3.1—4) e os falsos profetas (3.5-7) como alvos de suas denúncias. Ele se preocupava tanto com Samaria (capital de Israel, nação do norte) quanto com Jerusalém (capital de Judá, nação do sul), onde os poderes estavam concentrados e de cujos centros fluía a injustiça para o restante dessas duas nações. Entre os pecados por ele denunciados, podemos salientar os seguintes: a idolatria, que haveria de ser destruída (1.1-7; cf. II Reis 16.10-19); a cobiça dos nobres, que se iam apossando dos campos dos pobres (2.2); a desconsideração para com os direitos de herança (2.4,5; cf. Lev. 25.8 ss., Núm. 27.11; Deu. 27.17); até mesmo visitantes estrangeiros eram assaltados e roubados (2.8); as viúvas acabavam perdendo suas residências (2.9; ver Êxo. 22.22; Deu. 27.19; Isa. 1.17). Porém, o pior de todos os pecados denunciado por Miquéias era a prática dos sacrifícios humanos (6.7; cf. II Reis 16.3,4). Esse era um pecado que se chegou a praticar nos dias do rei Acaz, como também nos dias de Manassés, cuja subida ao trono provavelmente se verificou após o falecimento de Miquéias.

Uma das grandes características do conteúdo do livro de Miquéias é a longa passagem de 1.10-16, repleta de nomes próprios locativos. Esses nomes são muito sugestivos. Assim, Gate = cômoro; Ofra = casa de poeira; Safir = agradável; Zaanã = sair; Marote = amargo; Laquis = parelha; Aczibe = enganadora; Maressa = conquistadora. O leitor observará, na leitura do trecho, acompanhando o sentido desses nomes próprios, que o texto mostra que todas as expectativas de seus habitantes não se cumpririam, mas, antes, receberiam o contrário de suas melhores esperanças. Assim, enquanto os falsos profetas enchiam a cabeça dos israelitas e judaítas de esperanças vãs, Miquéias mostrou-lhes que essas esperanças não tinham razão de ser, porquanto Deus estava irado com o Seu povo!

A pregação de Amós, Oséias e Isaías nos é sumariada na famosa declaração de Miquéias 6.8. "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?". Se Amós era o profeta da justiça (Amós 5.24) e Oséias falava sobre a infalível misericórdia de Deus (Osé. 6.6), ao passo que Isaías invocava o povo judeu a cultivar a comunhão com Yahweh (Isa. 6.5), Miquéias, por sua vez, conclamava o povo de Israel a todos esses três deveres.

Talvez o mais extraordinário exemplo do chamado oráculo de demanda judicial, em toda a Bíblia, se encontre em Miq. 6.1-8. Esse tipo de oráculo, conforme vários comentadores têm observado, alicerça-se sobre o padrão dos acordos humanos formais. Nesses acordos, os céus e a terra são invocados como testemunhas, segundo se verifica em Deu. 32.1,5; Sal. 50.4; Isa. 1.2; Eze. 6.2,3. Esse trecho de Miquéias, pois, começa como um desses pactos. O profeta invoca os montes e os outeiros, bem como os "duráveis fundamentos da terra", como testemunhas da controvérsia do Senhor "com o Seu povo". Essa contenda surgira porque o povo, em sua ignorância da vontade e das exigências do Senhor, preferia multiplicar os holocaustos, concentrar toda a sua atenção no cerimonial, chegando até a apelar para o culto pagão como modelo, quando praticava sacrifícios humanos. Tudo isso sem perceber que o que Deus requer é a autenticidade e a santidade no íntimo, com o tempero da justiça, da misericórdia e da humildade, conforme vimos no parágrafo anterior. Aliás, essa é a grande lição que a humanidade inteira só aprende com imensa dificuldade, e que muitos nunca chegam a aprender. Haja visto a cristandade, cujos segmentos mais numerosos estão perdidos no atoleiro do cerimonialismo, sem jamais buscar por aquela justiça e demais qualidades interiores conferidas graciosamente por Deus aos arrependidos, que tornam o homem aceitável diante dos olhos de Deus. Todo pregador do evangelho que se preza, pois, calcará sobre essa questão em sua pregação. Sim, "... o que o Senhor pede de ti...", ó homem?

Entre as passagens preditivas de Miquéias destacam-se os trechos de 1.3-5 e 3.12, ambas prevendo destruição de Jerusalém; e também 4.10, que promete que Deus haveria de resgatar o Seu povo, quando estivesse exilado na Babilônia. Quanto a essa última passagem, não nos devemos esquecer o profundo sentido do vocábulo "Sião" dentro dos contextos de restauração. Em passagens assim, Sião é mais que Jerusalém, é mais que a nação de Israel—é o povo remido escatológico, composto por judeus e gentios penitentes, igualmente. Está em pauta, nessa passagem, o nascimento da nova humanidade, moldada à imagem de Cristo. Isso fica claramente anunciado nas primeiras palavras desse versículo: "Sofre dores e esforça-te, ó filha de Sião, como a que está para dar à luz...". Com isso devemos comparar o que ensinou o apóstolo dos gentios, no Novo Testamento: "Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade... então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória" (I Cor. 15.53 e 54). Naturalmente, a aplicação primária da predição é ao exílio babilônico que Judá estava prestes a sofrer; mas o profeta olhou também para um cumprimento maior e mais distante, quando, em Sua infinita misericórdia, dentro do contexto da restauração de Israel, o Senhor houver de dar-nos a vitória definitiva! "Porque, se o fato de terem sido eles (os judeus) rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento (restauração), senão vida dentre os mortos?" (Rom. 11.15).

Resta-nos uma palavra sobre Miq. 5.2. É que alguns estudiosos opinam que a menção a Belém deveria, talvez, ser interpretada como uma alusão à dinastia davídica, e não à cidade de Belém como uma localidade. No entanto, o cumprimento dessa notável predição (ver Mat. 2.4 ss.) não envolveu a dinastia de Davi, antes, o que estava em foco era o *local* do nascimento do Rei dos judeus! Portanto, deve-se interpretar literalmente a menção a Belém da Judéia, "Belém Efrata", conforme disse Miquéias.

Ao Leitor

Um estudante sério, antes de lançar-se ao estudo deste livro, aproveitar-se-á da *Introdução,* que discute importantes temas que dizem respeito a esta composição: caracterização geral; unidade do livro; autoria; data; razão e propósito; condições do texto e problemas especiais.

Miquéias é um dos chamados *Profetas Menores* (os últimos 12 livros do Antigo Testamento). O termo *menores* refere-se apenas à quantidade de material que esses profetas produziram, e não à sua importância pessoal. Essa *pequena quantidade* de material é contrastada com as quantidades maiores produzidas pelos *Profetas Maiores:* Isaías Jeremias e Ezequiel. Os doze livros dos Profetas Menores são chamados de "Livro dos Doze" nos escritos judaicos, visto que eram reunidos num rolo, como se formassem um único livro.

Ver o *gráfico* no início da exposição sobre *Oséias,* onde apresento informações sobre os profetas do Antigo Testamento, incluindo sua alegada ordem cronológica.

O subtítulo que os eruditos judeus produziram para o livro indica que Miquéias foi um contemporâneo mais jovem de Isaías. Seja isso ou não verdade, as características da época em que Miquéias escreveu certamente eram similares às características do tempo de Oséias e Isaías. Alguns estudiosos supõem que o próspero meio século de Jeroboão II seja o pano de fundo do livro de Miquéias. Mas a morte de Jeroboão II e o avanço do exército assírio mudou as coisas radicalmente. Ver a discussão sobre a caracterização e a autoria do livro nas seções I e III da Introdução. A data disputada é discutida na seção III.

Miquéias não era um nobre, como Isaías, que pertencia à família real, mas, como ele, era feroz campeão da adoração pura a Yahweh, bem como dedicado adversário da idolatria. Miquéias foi um profeta enviado a Judá (ver Jer. 26.17-19), mas o livro que tem seu nome diz respeito principalmente a Samaria. Os eventos ocupados por este livro ocorreram durante um período de cerca de 50 anos.

"Tal como seu contemporâneo, Isaías, Miquéias profetizou sobre a destruição do reino do norte, Israel, provocada pelos assírios, bem como sobre a derrota posterior do reino do sul, pelos babilônios" (John A. Martin, *in loc.*).

"A Missão do Profeta. O livro de Miquéias é uma lição sobre como devemos levar Deus a sério. Instrui-nos quanto à tremenda diferença que a fé religiosa faz, dependendo da atitude do indivíduo para com a vida. Miquéias não era o único homem religioso que havia em Israel — havia sacerdotes, profetas e multidões de adoradores... No entanto, a diferença entre a fé deles e a sua é a diferença entre uma fé pessoal estática e uma fé pessoal viva" (Harold A. Bosley, *Introdução*).

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Pano de Fundo Histórico das Profecias de Miquéias (1.1-4)

A primeira mensagem de Miquéias (capítulos 1-12) fala de como os julgamentos divinos sobreviriam tanto sobre Israel como sobre Judá. Também lemos sobre a restauração final e a prosperidade. O *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18) precisava ser cumprido, e as muitas vicissitudes, vitórias e derrotas não podiam apagar o resultado final. Mas ao longo do caminho haveria sofrimento causado pelo pecado e pela apostasia. De fato, tanto a nação de Israel quanto a nação de Judá tornar-se-iam especialistas na idolatria-adultério-apostasia. Elas agiriam exatamente como qualquer outra nação pagã. A obediência à lei de Moisés lhes emprestava caráter distintivo (ver Deu. 4.4-8), mas com grande freqüência elas rejeitavam e desprezavam a lei. Profetas foram levantados para combater os lapsos que eram freqüentes e profundos. Os dois cativeiros — o de Israel e o de Judá — foram instrumentos tendentes à reforma. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico.* Ver sobre o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19.

Títulos Introdutórios (1.1)

1.1

Palavra do Senhor. O livro de Miquéias começa como começam a maior parte dos livros de profecia, com a afirmação de que o que se segue é a "palavra de Yahweh", dada através de algum profeta autorizado. Miquéias foi um dos principais profetas de Yahweh em seus dias. Yahweh lhe deu a mensagem e o poder. Cf. Osé. 1.1; Joel 1.1; Sof. 1.1 e Ageu 1.1. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Revelação* e *Inspiração.*

Miquéias, o Morastita. Miquéias era natural de *Moresete-Gate* (vs. 14), cidade da tribo de Judá cerca de 40 km a sudoeste de Jerusalém, próxima da cidade filistéia de Gate. Dou no *Dicionário* um artigo bem detalhado sobre *Miquéias*, pelo que não repito aqui o material. E há informações adicionais nas seções II e III da *Introdução* ao livro.

Nota Cronológica. O profeta Miquéias ministrou durante os reinados de Jotão (742-735 A. C.); Acaz (735-715 A. C.) e Ezequias (715-687 A. C.), reis de Judá. Nenhum dos reis da nação de Israel é mencionado, provavelmente porque não pertenciam à linhagem de Davi. Miquéias teve longo ministério, que talvez se tenha durado tanto quanto 50 anos. Seu ministério provavelmente terminou no começo dos dias de Ezequias, talvez antes de 700 A. C. A expressão "que em visão veio" indica que suas mensagens lhe foram dadas, essencialmente, através de *visões.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Visão (Visões).*

Salmo Escatológico (1.2-4)

Os vss. 2-7 dão o anúncio básico sobre o qual repousa o restante do livro. Uma acusação (ação judicial) foi feita contra o povo em pacto com Deus (vs. 2); os resultados das punições divinas são antecipados (vss. 3-4); a certeza do julgamento é afirmada (vss. 6-7). Todos os povos da terra teriam de comparecer diante do tribunal cósmico de Yahweh e prestar contas. As leis morais governam todas as coisas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura. Adonai-Yahweh* (ver as notas sobre o vs. 2) seria tanto o Juiz como a principal testemunha.

Os vss. 2-4, ao que tudo indica, são fragmento de uma poesia excelente, parte de um oráculo, similar em natureza ao que os eruditos chamam de Segundo Isaías. Ver Isa. 40.3-5.

1.2

Ouvi, todos os povos, prestai atenção, ó terra e tudo o que ela contém. "*Miq. 1.2-3.12.* Ameaças feitas contra Samaria e Jerusalém, por causa da corrupção dos líderes religiosos e políticos, formam a primeira grande seção do livro de Miquéias. *1.2-7.* A Samaria seria destruída quando o Senhor viesse em julgamento para punir a casa de Israel por causa de suas transgressões. Este oráculo deve ser datado como anterior ao ano de 721 A. C. Cf. Isa. 1.2 e Hab. 2.20" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução à seção).

Todos os povos teriam de ouvir, porquanto *Adonai-Yahweh* é o Senhor universal e soberano. Todas as nações serão julgadas, porquanto ficaram aquém das leis morais governantes de Deus e negligenciaram as oportunidades que lhes foram proporcionadas. Yahweh sairá de Seu templo celeste, de Sua augusta residência. Ele será tanto o Juiz como a Principal Testemunha. Descerá à terra para iniciar Seu exame das evidências, a fim de então pronunciar a sentença.

Adonai-Yahweh, ou seja, o *Soberano Senhor, o Deus Eterno.* Esse nome divino é usado 217 vezes no livro de Ezequiel, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. É usado 19 vezes em Amós, mas somente 5 vezes nos livros dos outros Profetas Menores. Aparece somente uma vez em Miquéias (no presente versículo), embora Miq. 4.13 contenha um nome divino, derivado da mesma raiz, como forma abreviada. Esse nome enfatiza a *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador não abandonou Sua criação. Pelo contrário, Ele intervém, punindo ou recompensando em harmonia com Suas leis morais. É a isso que chamamos de *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), que deve ser contrastado com o *Deísmo,* o qual ensina que o criador (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

O seu santo templo. Não o templo de Jerusalém e, sim, o celestial, a habitação celestial de Deus. Ver Sal. 11.4.

1.3-4

Porque eis que o Senhor sai do seu lugar, e desce. O julgamento se processará por meio da intervenção divina. *Yahweh* sairá de Seu lugar e descerá à terra; primeiramente Ele pisará sobre os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), que tinham sido consagrados à idolatria e ao deboche. Ou então estão em vista os *montes* (vs. 4), símbolos do poder, do orgulho e da arrogância dos homens, que não levam em conta que Deus observa tudo.

Deus percorre os montes, que são apenas como pedras de apoio para Ele. Sua ira é assim manifestada na terra e sai fogo de Seus pés (vs. 4). O resultado é que os montes se dissolvem sob Seus pés, e os vales se abrem. Os montes se desmancham e se transformam em água, que escorre como cera derretida. Por conseguinte, temos os símbolos do ato de queimar, dissolver-se e rachar, para falar do poder divino que perturba toda a terra ímpia. Os terremotos (ver Amós 1.1) são provavelmente concebidos como um dos instrumentos divinos do julgamento. As ações vulcânicas são outro instrumento. Cf. Sal. 97.5 e Isa. 64.1-3, que dizem coisas similares. Ver também Amós 9.5 e Hab. 3.6,10. As descrições se assemelham às do Sinai (Êxo. 19), pelo que temos aqui uma espécie de Sinai universal, onde a lei de Deus é aplicada contra os pecados do mundo inteiro.

Discursos sobre a Crise Assíria (1.5-16)

O Profeta Lamentador (1.5-9)

1.5

Tudo isto por causa da transgressão de Jacó. Encontramos aqui o primeiro discurso de Miquéias que, presumivelmente, foi entregue em Jerusalém (vss. 5 e 9). Ele saiu a chorar e a pregar, desnudo (vs. 8), a fim de demonstrar, vividamente, o que todo Israel haveria de experimentar como juízo divino. As *transgressões* requerem a vingança divina.

Jacó aqui aparece como "a casa de Israel", composta pelas dez tribos, Israel, a nação do norte. O nome *Jacó* figura por 11 vezes no livro de Miquéias, 9 das quais referindo-se à nação inteira, e as outras 2 referindo-se ao próprio patriarca Jacó (ver Miq. 7.20). Israel e Jacó são termos sinônimos em Miq. 1.5a; 2.12; 3.1,8,9. O vocábulo *transgressões* aparece 4 vezes (ver Miq. 1.5; 3.8; 6.7 e 7.18). A legislação mosaica, o *guia* do povo de Israel (ver Deu. 6.4 ss.) era o padrão de moralidade e espiritualidade. Porém, o povo de Israel falhou miseravelmente e se especializou na idolatria-adultério-apostasia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Transgressão.*

A infecção moral começou na cidade de *Samaria,* capital de Israel, a nação do norte, mas logo se espalhou por todo o país como uma praga, pelo que a nação inteira, em suas manifestações do norte — Israel — e no sul — Judá —, logo se tornou como outra nação pagã qualquer. E assim a nação inteira perdeu seu caráter *distintivo* (ver sobre esse conceito em Deu. 4.4-8). Mas Israel era como nada sem a possessão e a prática da lei mosaica. No reino do sul, a infecção começou em Jerusalém e se espalhou por toda a nação, com idêntico resultado do que acontecera em Israel. Isso foi substituído pelo "pecado da casa de Judá", na Septuaginta e no Targum. Talvez tenhamos aí o texto correto, ou talvez essa seja uma correção para mencionar o *pecado* nos casos tanto de Israel quanto de Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* que inclui informações sobre como os textos corretos são escolhidos quando aparecem variantes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lugares Altos,* sobre aqueles lugares idólatras e debochados que agiram como agentes de infecção no país todo. Cf. II Reis 16.10-18 e 18.4. A idolatria chegou a invadir o recinto do templo. Ver Eze. 8.1 ss.

1.6

Por isso farei de Samaria um montão de pedras do campo. "Portanto, farei de Samaria uma pilha de ruínas no campo aberto. Será como um lugar de plantar vinhas. Derramarei pelo vale as pedras de Samaria. E a destruirei total-

mente até os seus alicerces" (NCV). O quadro é da mais completa destruição, e, de fato, foi precisamente isso que sucedeu durante o ataque assírio e no cativeiro subseqüente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio*. Portanto, foi assim que Israel colheu o que plantou. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. As pedras fundamentais foram lançadas no vale, e a área anterior da capital tornou-se tão estéril que agora só servia para o plantio de vinhas. A Samaria tornou-se um cômoro desértico com ruínas jazendo por toda a parte, em desordem. O povo de Israel foi levado cativo, a saber, os poucos sobreviventes, mas uma minúscula população ficou ali. Em seguida, os assírios importaram populações para ocupar o espaço deixado vago pelos israelitas. Os habitantes importados ligaram-se em casamentos mistos com os poucos israelitas que sobraram, e o resultado foram os *samaritanos*. Ver II Reis 17.1-5. Foram necessários três anos para que os assírios destruíssem a cidade de Samaria. E os últimos anos de existência da cidade se passaram em constantes intrigas políticas e em meio a homicídios (ver II Reis 15.8-31). Quanto ao casamento misto com estrangeiros importados, ver II Reis 17.6,22-24. A Assíria cometeu genocídio. Quanto à moral da história, ver Isa. 28.1.

1.7

Todas as suas imagens de escultura serão despedaçadas. As divindades que Samaria havia adotado, quando criava seu *panteão,* dar-se-iam tão mal quanto o povo da cidade. Todo o culto idólatra seria demolido. Os ídolos seriam despedaçados. Todos os dons e oferendas que o povo trouxe ao culto pagão foram queimados. Dinheiro e presentes foram ganhos por meio da prostituição religiosa. Prostitutas cultuais vendiam o corpo para ajudar a pagar as despesas do culto e para ganhar a vida. Mas tudo quanto se esforçaram para ganhar transformou-se em fumaça. O que não foi queimado foi levado como despojo pelos assírios. Esse culto era uma violação flagrante do culto a Yahweh, transformando-se em adultério literal e espiritual, que é o principal tema do livro de Oséias. Ironicamente, as mulheres cativas em Israel foram transformadas em prostitutas ou reduzidas à escravidão na Assíria. Ver sobre a *Lex Talionis* (retribuição exata de acordo com o tipo de crime cometido), que tinha assim sido cumprida. Ver sobre esse título no *Dicionário*. Cf. este versículo com Osé. 4.10-15. "A imagem das prostitutas *alugadas* (remuneração), a recompensa temporal da fornicação espiritual, é tema comum nas Escrituras (ver Osé. 9.1)" (Fausset, *in loc.*).

O dinheiro ganho com as atividades da prostituição seria levado por outros (os assírios), que também eram adúlteros físicos e espirituais. Parte desse dinheiro seria usada para alugar prostitutas na Assíria.

1.8

Por isso lamento, e uivo; ando despojado e nu. *Miquéias* andava ao redor (quase) despido, provavelmente vestido apenas com um pano que lhe cobria a parte inferior do corpo, a fim de mostrar o "estado desnudo" a que o povo de Israel seria reduzido quando os assírios acabassem de atacar e despojar Israel. Quando o profeta caminhava quase nu, soltava uivos constantes e terríveis, como se fosse um chacal, e imitava o som das avestruzes, que se parece com um lamento tristonho. Embora lançasse grande desgosto naqueles que ouvissem esses lamentos, essa era uma maneira eficaz de atrair a atenção das pessoas. O propósito, naturalmente, era encorajar as pessoas a arrepender-se para que assim evitassem a iminente calamidade, mas, para o povo de Israel, já era tarde demais. Aquele povo já se tinha desviado para além da linha de onde é possível alguém arrepender-se. O julgamento divino, pois, era inevitável. Não obstante, alguns poucos dariam ouvidos aos avisos do profeta, e assim o profeta teria cumprido seu dever. Nunca ouvi pessoalmente os gritos dos chacais, mas Rolland E. Wolfe, *in loc.*, informa-nos que é um grito *aterrorizante*. O chacal é um predador noturno, pelo que, quando se ouvem seus gritos, sabe-se que está havendo alguma forma de matança "lá fora". O dr. Shaw informa-nos que o som produzido pela avestruz é como o de alguém que estivesse sofrendo a pior agonia. O Targum fala dos lamentos soltos pela avestruz, quando seus filhotes são levados por algum predador, o que significa que a figura usada neste versículo é muito apropriada. Os predadores assírios fariam Israel gemer de agonia.

1.9

Porque as suas feridas são incuráveis. A *infecção* causada pela *idolatria-adultério-apostasia* se tornara *incurável*. Não haveria cura, mas isso não dispensava o profeta Miquéias de cumprir seu dever. "A iniqüidade de Israel varrera toda a Palestina. Miquéias a descreveu sob o simbolismo de um dilúvio de corrupção e destruição que já estava chegando às portas de Samaria e também engolfaria todo Judá e Jerusalém" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*). A enfermidade espiritual tinha chegado à plena manifestação no reino do norte e estava no estágio de incubação no reino do sul. O cativeiro assírio pôs fim ao reino do norte, Israel, em 722 A. C. Os assírios chegaram a ameaçar Jerusalém, em 701 A. C., mas foram forçados a dar meia-volta pela intervenção do anjo do Senhor (II Reis 18 e 19). Porém, quando houve o ataque dos babilônios, a população restante do reino do sul, Judá, foi levada para o cativeiro (cerca de 597 A. C.). Ora, todas essas coisas aconteceram por causa da enfermidade da idolatria-adultério-apostasia.

O Alarma (1.10-16)

1.10

Não o anuncieis em Gate, nem choreis. Por volta de 711 A. C., os assírios estavam invadindo a Palestina. As notícias se espalharam. A cidade filistéia de Gate, porém, não foi avisada (cf. o incidente historiado em II Sam. 1.20). Gate nada tinha que ver com o que acontecia em Jerusalém, nem lhe foi permitido exultar ou espalhar as notícias, o que só poderia ser feito com benefícios para Judá. E nem aquele povo poderia *chorar,* o que também teria o efeito de espalhar as notícias terríveis. Talvez Gate pudesse aliar-se ao ataque dos assírios e ajudar a derrubar Judá para sempre.

Por outro lado, *Bete-Le-Afra* haveria de envolver-se diretamente no sofrimento e haveria de rolar no pó da lamentação. Esse nome locativo significa "casa do pó", pelo que explica a escolha da metáfora para exprimir a tristeza que seus habitantes experimentariam. Cf. Jer. 6.26 e Eze. 27.20. A cidade ficava próxima de Jerusalém (ver Zac. 14.5). Ver no *Dicionário* quanto à cidade de *Bete-Le-Afra*.

1.11

Passa, ó moradora de Safir, em vergonhosa nudez. Foram mencionadas mais *três* localidades que estavam na vereda dos atacantes assírios. *Safir,* que significa "bela" ou "agradável", tornar-se-ia o contrário, ou seja, *nua e envergonhada*. O local moderno desse lugar é desconhecido atualmente, mas provavelmente não ficava distante de Jerusalém, na direção do sudoeste. Outra vítima dos assírios seria *Zaanã,* nome que significa "sair para fora". Porém, quando ocorresse o ataque, seus habitantes teriam receio de *sair de dentro* das muralhas. O local moderno dessa localidade é desconhecido atualmente, mas presume-se que ficasse próximo de Sair. O ataque dos assírios passaria para *Bete-Ezel,* nome que significa "casa da proximidade", embora ninguém quisesse aproximar-se quando aquele lugar estivesse desolado e arruinado. Também deve ter ficado perto das duas outras localidades. Ver no *Dicionário* quanto a essas cidades, sobre as quais virtualmente nada conhecemos.

1.12

Pois a moradora de Marote suspira pelo bem. Ao que parece, *Marote* significa "amargor", como se seus habitantes tivessem esperado pelo melhor, mas acabaram amargamente desapontados e perderam toda a esperança. Esse lugar ficava perto de Jerusalém e, no dia da crise, esperaria ajuda da parte de Jerusalém, mas nenhuma ajuda viria em seu socorro. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Marote*, quanto ao pouco que se sabe a respeito. A força armada dos assírios continuaria o caminho até os portões de Jerusalém e poderia ter consumido a cidade. Mas foi justamente nesse ponto que o anjo do Senhor interviria (ver II Reis 18 e 19).

1.13

Ata os corcéis ao carro, ó moradora de Laquis. Sarcasticamente, Miquéias exortou os cidadãos de *Laquis,* que soa algo como se fosse a palavra *equipe* (*lakis* e *rekes*), a preparar suas duplas de cavalos e atrelá-las aos carros a fim de escapar dos assírios. Laquis era conhecida como lugar que criava ótimos cavalos. Mas a fuga deles seria entravada, e eles cairiam miseravelmente. A infecção da idolatria e a corrupção proveniente da nação do norte atingiram primeiramente aquele lugar e serviram de ponto focal da infecção quanto ao sul. "Os pecados de Jerusalém começaram em vós" (NCV). Esse lugar ficava a cerca de 48 km de Jerusalém. Ver a respeito de *Laquis* no *Dicionário*.

1.14

Portanto darás presentes de despedida a Moresete-Gate. "Portanto, darás presentes de despedida a Moresete-Gate. As casas de Aczibe serão uma falsa esperança para os reis de Israel". A palavra *Israel,* neste versículo, aparece no sentido lato de todo o povo hebreu. Os dois lugares ficavam apenas a cerca de 13 km um do outro, e não distantes de Gate. "Presentes", neste caso, é a palavra hebraica que quer dizer "presentes de casamento", como aqueles que um pai dá à filha que está casando. Jerusalém daria *Moresete-Gate* aos assírios, sendo incapaz de protegê-la. Aczibe, nome que significa "ludíbrio", seria exatamente isso para Israel, incapaz de ajudar na hora da crise. Mostraria ser uma *mentira* e uma *cana rachada* — boa para coisa alguma. Cf. Jer. 15.18.

Aparentemente, o profeta Miquéias era nativo de Moresete-Gate (ver Miq. 1.1). Ver no *Dicionário* os dois lugares que aparecem neste versículo.

Diz o Targum: "Enviareis presentes aos herdeiros de Gate. As casas de Aczibe seriam entregues ao povo por causa dos pecados dos reis de Israel, que nelas tinham adorado ídolos.

1.15

Enviar-te-ei ainda quem tomará posse de ti, ó moradora de Maressa. Senaqueribe se atiraria contra *Maressa,* que era outra cidade de Judá, não distante de Moresete-Gate. A palavra "Maressa" significa "cume" ou "lugar principal", mas soa como *hayyores,* "destruição". O lugar alto tornar-se-ia possessão dos assírios, quando fosse destruído. Alguns estudiosos, porém, pensam que o nome dessa cidade significa "possuidor". Nesse caso, o jogo de palavras diz: "O possuidor será possuído" (pelo conquistador). Toda essa glória de Israel, que estava sendo obliterada, chegaria a *Adulão,* caverna próxima de Aczibe. Há aqui uma alusão a Davi, quando ele foi forçado a fugir de Saul e ocultar-se exatamente nessa caverna (ver I Sam. 22.1,2; II Sam 23.13). Judá estava prestes a ter sua "experiência de Adulão", sentindo o mesmo desespero que Davi sentira. A glória de Israel perder-se-ia por ocasião do cativeiro assírio, tal como a glória de Davi se encerrou naquela caverna. Ver os nomes próprios no *Dicionário* quanto a detalhes.

1.16

Faze-te calva, e tosquia-te. Israel e Judá, em suas lamentações, seriam forçados a exibir os sinais de sua tristeza: o aparar dos cabelos, as roupas de cilício, as lamentações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação.* "Corta os cabelos para mostrares que estás triste. Chora pelas crianças que amas. Faze-te calva como a águia, porque os teus filhos serão forçados a viver em uma terra estrangeira" (NCV). Cf. Jó 1.20; Isa. 15.2; Jer. 47.5; Eze. 27.31; Amós 8.10. Até as crianças seriam mortas, e os poucos sobreviventes iriam para o cativeiro, em vez de ir para casa. Talvez esta seção olhe para além da Assíria, incluindo o cativeiro babilônico, conforme supõem alguns intérpretes.

"Com a cabeça rapada, os lamentadores se pareceriam com abutres calvos" (John A. Martin, *in loc.*). A palavra hebraica aqui envolvida pode significar águia ou abutre. Algumas espécies de abutres são calvas, e isso ajusta-se ao texto que temos à nossa frente. Está em mira a *completa desolação.* Na época da muda de penas, as águias também ficavam essencialmente calvas. O povo de Israel seria desnudado de sua glória.

Capítulo Dois

Profecias sobre a Ética (2.1 – 3.12)

A Lamentável Condição dos Ricos em Jerusalém (2.1-10)

"Por causa da imundícia moral deles, algo que Miquéias retratou com clareza (vs. 2) e amargo realismo (vs. 1), os israelitas haveriam de experimentar grave destruição, pois Yahweh consideraria essa nação responsável por seus abusos sociais e morais. Cf. os vss. 1-2 com Sal. 36.4; Isa. 5.8-12; 32.7; Amós 8.4" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

Todas as ofensas mencionadas seguem estipulações claramente violadas da lei mosaica, pelo que a destruição descrita em Miq. 1.9-16 é vista como completamente justificada. Israel tinha abandonado seu *guia,* a lei mosaica (quanto a essa idéia, ver Deu. 6.4 ss.).

2.1

Ai daqueles que nos seus leitos imaginam a iniqüidade. Os ímpios tiram vantagem do descanso noturno para cozinhar planos maus, enquanto estão deitados em suas camas, para executarem durante o dia. Cf. Osé. 7.6 e Sal. 36.4. Em outras palavras, a maldade praticada por eles era "premeditada", o que aumentava a gravidade de seus pecados. Miquéias proferiu um "ai" contra homens assim desvairados e ímpios, cuja vida era dedicada ao planejamento de fazer algo para prejudicarem ao próximo e beneficiar-se. Quanto ao "ai", cf. Isa. 3.9,11; 5.8,11,18,20-22 e Jer. 13.27. Essa é uma palavra comum usada pelos profetas, e menciono apenas alguns poucos lugares onde ela foi empregada. Esse *ai* significa que a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) certamente não fracassaria. Os colhedores divinos cortariam aqueles pecadores, e o vento os sopraria para longe, como se fossem palha.

2.2

Cobiçam campos, e os arrebatam, e casas, e as tomam. Aqueles réprobos estavam sempre aumentando seu estoque de possessões oprimindo a outros, tomando seus bens e propriedades, roubando heranças e cometendo outros atos errados de ruptura social. Naqueles dias, as riquezas consistiam essencialmente nas possessões, propriedades, terras, animais domesticados de uma pessoa, pois esses bens eram objetos do ataque dos ricos e dos poderosos contra os pobres. Ver o terrível exemplo deixado por Acabe, em I Reis 21.13 ss. A regra do jogo era um materialismo crasso, que agia com violência. Ver o "ai" contra os que "se apossavam da propriedade alheia", em Isa. 5.8.

2.3

Eis que projeto mal contra esta família. Pessoas destituídas de princípios devem sofrer porque Yahweh já proferiu Seu decreto contra elas. "Esta família" refere-se à classe dos exploradores que havia em Jerusalém. Yahweh "exterminaria a raça deles", conforme diz uma expressão moderna. Visto que tinham praticado o mal, haveriam de sofrer por causa disso. E, visto que se tinham apossado de propriedades que não lhes pertenciam, suas propriedades deles seriam arrancadas à força. Da mesma forma que tinham agido com violência contra outras pessoas, assim também sofreriam violência. E da mesma maneira que tinham escravizado a outros, assim seriam escravizados pelos atacantes estrangeiros. O jugo estrangeiro seria posto no pescoço deles, que assim pagariam por seus pecados. O orgulho deles seria transformado em humilhação. Quanto ao orgulho contrastado com a humildade, ver as notas em Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 21.4; 30.12,32. Eles iriam para o *cativeiro* (ver Miq. 1.16).

2.4

Naquele dia se criará contra vós outros um provérbio. Da mesma maneira que aqueles homens iníquos zombaram de suas vítimas e não ouviram seus clamores de misericórdia, assim também chegaria o dia em que seus opressores zombariam deles e até comporiam canções para celebrar sua miséria. Mas *eles chorariam* em suas lamentações por causa da miséria que lhes teria sobrevindo. Eles estariam "totalmente arruinados" (Revised Standard Version). Seriam removidos das terras que tinham roubado de outros. Seus captores dividiriam seus bens, tal como eles tinham dividido os bens dos oprimidos por Judá. A *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário)* teria cumprimento, ou seja, haveria *retribuição segundo a gravidade dos pecados cometidos.* A lei mosaica era o guia da conduta moral de Israel, e as infrações contra a legislação mosaica atrairiam uma vingança divina imediata. Aqueles idólatras-adúlteros-apóstatas se encontrariam consigo mesmos, recebendo de volta o que haviam dado a outros.

2.5

Não terás... quem, pela sorte... meça possessões. "Portanto, não terás terras para serem medidas pelas pessoas. Eles não lançarão sortes para dividir a terra entre as pessoas" (NCV). A alusão é à divisão original da terra nos dias de Josué, quando cada tribo, clã e família recebeu sua partilha de terras. Aquele dia de bênção e distribuição tinha terminado, e agora os assírios estavam prestes a conquistar tudo, e nada compartilhariam com os hebreus. O sistema inteiro de distribuição de terras seria destruído, juntamente com as distribuições ilegais que os opressores tinham posto em efeito para seu próprio benefício. A "congregação do Senhor" refere-se à "nação em pacto" com o Senhor como um todo (cf. Deu. 23.1,8). Cf. este versículo com Jos. 18.6,8,10.

2.6

Não babujeis, dizem eles. As *mordazes palavras* de Miquéias provocaram violenta reação. Ele recebeu ordens para parar de pregar ou profetizar, porquanto essa atividade poderia pôr em movimento certas circunstâncias que resultariam nas coisas sobre as quais ele estava falando. Em outras palavras, as profecias de Miquéias era "auto-realizadoras". Mas tais advertências não fizeram o profeta calar-se, porquanto fazia parte da natureza de um verdadeiro profeta falar em consonância com a lei moral de Moisés. Os abusos não poderiam ser esquecidos. A aliança com Deus, conforme esboçada nos capítulos 27 e 28 do livro de Deuteronômio, precisava ter cumprimento. Ver sobre o *Pacto Mosaico,* comentado na introdução a Êxo. 19. Havia forte dimensão moral na pregação dos verdadeiros profetas. Deus abandonaria judicialmente aqueles homens, para a própria vergonha deles. A desgraça tomaria conta deles, o que eles já tinham antecipado em suas palavras de protesto.

2.7

Tais cousas anunciadas não alcançarão a casa de Jacó. "Mas devo dizer isto, povo de Jacó. O Senhor está ficando irado quanto àquilo que tendes feito. Se vivêsseis corretamente, eu teria dito palavras boas para vós" (NCV). O profeta respondeu imediatamente aos protestadores iníquos, colocando-os de volta em seu devido lugar. A "casa de Jacó" é aqui uma referência a todo o povo hebreu, pois a condenação era geral. O Espírito de Yahweh não se sente restringido por nenhuma condição, sobretudo pelos protestos dos pecadores. De fato, Yahweh já havia perdido a paciência com aqueles réprobos. O Seu Santo Espírito não pode

ser *restringido* por aquilo que os ímpios dizem ou fazem. O hebraico diz aqui, literalmente, "é curto". Os homens retos não precisam temer as profecias de ameaça divina, pois o julgamento de Deus não se aproximará deles. Mas os opressores terão boas razões para temer. "Não gostais das ameaças do profeta (vs. 6), mas de quem é a culpa? Não de Deus, pois Ele se deleita em abençoar, em lugar de ameaçar. Mas vós é que provocais as ameaças" (Fausset, *in loc.*).

2.8

Mas há pouco se levantou o meu povo como inimigo. *Descrição de Mais Pecados.* Aqueles homens maus não queriam que o profeta falasse sobre seus pecados, nem que profetizasse profecias melancólicas, as quais fatalmente se cumpririam. No entanto, havia muitos pecados sobre os quais ele deveria falar, e o dia melancólico certamente estava a caminho. *Arrependimento* era a palavra-chave, e não o silêncio de Miquéias. Portanto, o profeta reiniciou sua tirada contra eles. Aqueles homens vis tinham feito inimigos de seus compatriotas hebreus, oprimindo-os e despojando-os, como um inimigo estrangeiro faria com eles. Eles chegavam a desnudar outras pessoas de suas vestes! Um homem que passasse pacificamente tornava-se, de súbito, vítima da violência, que o roubava de quaisquer bens que porventura possuísse, e até sua túnica exterior lhe era arrebatada. Eles agiam como soldados na guerra, sempre prontos a saquear e prejudicar. O inimigo dessas vítimas eram seus próprios compatriotas. "Bandos de assaltantes, alguns deles bandidos contratados, assaltavam pessoas que de nada suspeitavam, que se pensavam seguras e passavam pacificamente, cuidando de seus negócios, sem nenhum designio mau contra seus semelhantes, sem esperar nenhum ataque contra si mesmas" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

2.9

Lançais fora as mulheres de meu povo dos seus lares queridos. As viúvas e seus filhos eram "expulsos" do lar pelos atos ilegais e violentos daqueles réprobos. As propriedades eram confiscadas e as pessoas eram humilhadas. Suas residências eram tudo quanto lhes havia restado. O marido e pai estava morto. Seus lares lhes eram *agradáveis*, mas amarga era a sorte deles quando suas pequenas propriedades lhes eram arrancadas pelos opressores ricos. Foi assim que uma geração inteira de pobres foi assediada por aquelas bestas feras.

Era abusada a *glória* dos pobres, ou seja, o fruto da bênção de Deus e aquilo em que eles tinham prazer e alegria. Os crimes tornaram-se *sacrilégios,* por violarem as mais ternas relações e não respeitarem nenhuma coisa santa, nem a lei sagrada. Cf. este versículo com Jó 22.9; Sal. 68.5; Isa. 9.17; 10.2; Mat. 23.14. Homens ímpios dos dias de Jesus "devoravam as casas das viúvas".

2.10

Levantai-vos, e ide-vos embora. Esta é uma conclusão concisa do discurso contido nos vss. 1-9. "*Levantai-vos* e *ide-vos* no sentido de *atenção* e *marchai* eram ordens dadas por soldados invasores às suas vítimas, que estavam sendo enviadas para o cativeiro. No exílio, as vítimas seriam escravas.

Não é lugar aqui de descanso. Estas palavras significam que a Palestina não mais seria a herança dos israelitas. "Visto que eles tinham abusado dessa herança, não mais permaneceriam como herdeiros israelitas. Visto que tinham abusado de sua herança, a Terra Prometida lhes seria tirada. Visto que eram *imundos* moralmente, tinham perdido todo o direito de continuar possuindo a Terra Santa. Visto que 'o salário do pecado é a morte', tanto no caso de indivíduos como no caso de nações, Miquéias veria somente aniquilação para o seu povo. Visto que seus pecados eram tão *grandes*, ele previu que eles tinham de sofrer tremenda destruição" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz.

(Isaías 57.21)

"Preparai-vos para entrar no cativeiro. Não tereis aqui lugar de descanso. A terra está muito poluída por vossas iniqüidades, e ela vos vomitará" (Adam Clarke, *in loc.*). Essa profecia provavelmente visa incluir tanto o cativeiro assírio da nação do norte quanto o cativeiro babilônico para a nação do sul. Ver sobre ambos os temas no *Dicionário*.

Amor pelos Falsos Profetas (2.11)

2.11

Se houver alguém que, seguindo o vento da falsidade... Visto que a repreensão contra os falsos profetas era um dos principais temas proféticos, este versículo provavelmente foi um fragmento de um oráculo ou discurso profético. Uma das características dos falsos profetas é que eles se pareciam com "sacos cheios de vento", proferindo mentiras e declarações vazias. Mas os israelitas apreciavam esses profetas desviados, porquanto eles lhes diziam as coisas que queriam ouvir. A última coisa sobre a qual queriam falar era sobre o pecado. Nada diziam sobre o arrependimento e também nunca previam calamidades. Esses eram os *profetas populares*. Os falsos profetas estavam interessados em festas de vinho, e era isso o que eles ofereciam ao povo, em lugar da verdade espiritual e moral. Enquanto fluíssem o vinho e a cerveja, o povo parecia ser próspero; pelo que também os falsos profetas eram pregadores de uma prosperidade contínua, incluindo todos os excessos que isso sempre produzia. As profecias de condenação eram amargas. Mas as profecias que anunciavam prosperidade contínua eram doces como o vinho doce, e era isso o que o povo israelita queria ouvir. Eles obtinham assim o que queriam, mas ficaram despreparados para a calamidade vindoura. Cf. Jer. 5.31. Cf. o que aqui se lê com o vs. 6.

Sonhos de Restauração (2.12-13)

2.12

Certamente te ajuntarei todo, ó Jacó. Miquéias proferiu palavras amargas a respeito de um julgamento inevitável. Os vss. 12-13 foram adicionados ao texto para assegurar-nos que, a longo prazo, haveria um Novo Dia de Restauração. As pessoas que tivessem afundado na calamidade podiam continuar sonhando, porquanto parte da tradição profética justificava isso. O trato de Deus finalmente justifica o otimismo de nossos dias. Cf. Osé. 14.1-7 quanto a uma boa declaração sobre a esperança da restauração. Ver também Miq. 4.1-8, que inclui a restauração dos gentios.

Jacó... Israel. Ou seja, todas as doze tribos. O remanescente será reunido para obter a restauração do Novo Dia, que afetará todo o povo de Israel, porquanto *todo o Israel será salvo* (ver Rom. 11.26). Foi a voz divina de Yahweh que fez a promessa, pelo que a restauração está garantida. Haverá um só Pastor e um só rebanho, pois o rebanho inteiro será reunido em um único lugar, ou seja, na Terra Prometida, no futuro. Ali o rebanho encontrará pasto. O lugar será cheio de muita gente, pois a obra de Yahweh será abundante. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18 quanto à promessa de uma população numerosa. Cf. também Gên. 17.1-8,19 e 22.17,18. A figura simbólica do Bom Pastor é comum no Antigo Testamento. Cf. Sal. 23.1; 77.20; 79.52; 80.1; 100.3; Isa. 40.11; Jer. 23.3 e 31.10. Os estudiosos dispensacionalistas falam aqui nas bênçãos próprias do *milênio*. Seja como for, está em pauta o dia do Messias, porquanto tal coisa nunca ocorreu no tempo da antiga nação de Israel, e a volta dos poucos que estavam cativos na Babilônia dificilmente explica as palavras deste versículo. Ver Isa. 6.13 e 10.20-22.

2.13

Subirá diante deles o que abre caminho. "Deus é o *desbravador* que abrirá brechas na prisão do exílio, permitindo que os cativos irrompam e escapem, presumivelmente após a conquista da Babilônia pelos persas, em 538 A. C. A 'porta' do exílio é o 'portão da Babilônia', pela qual os cativos israelitas, uma vez liberados, passariam, ao retornar à Palestina. 'O Rei' e 'o Senhor' são sinônimos, tal como se vê em Isa. 33.22; 41.21; 23.15; 44.6. O presente versículo segue a expectação do Segundo Isaías (ver Isa. 40.3-5,10,11; 52.12 etc.), onde o próprio Deus lideraria os exilados de volta à Palestina" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*). Portanto, foi adicionada a figura do Pastor, do divino e vitorioso Rei. Essa segunda figura também alcançará o Novo Dia de Israel, durante o futuro reino do milênio. Yahweh é o Rei de Israel. Ver Isa. 33.22; Sof. 3.15 e Zac. 14.9.

"O Desbravador é Yahweh-Messias, que irrompe através de todos os obstáculos postos no caminho da restauração. Mas isso não acontecerá como se deu na antiguidade, em que o Senhor irrompeu para destruí-los por causa de sua transgressão (ver Êxo. 19.22 e Juí. 21.15), mas desbravando um caminho para eles, através de seus inimigos" (Fausset, *in loc.*). "Senhor! Apressa o tempo!" (Adam Clarke, *in loc.*). "... o Capitão da salvação deles, ou seja, o cabeça dos Seus exércitos, os Seus escolhidos e fiéis, marchando e seguindo-O; Apo. 17.14 e 19.14" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Três

Apelo aos Líderes de Judá (3.1-12)

Miquéias falou em tons de revolta total contra a liderança degradada de seu tempo. A linguagem aqui é a mais vívida e cortante das tiradas do profeta contra o mal. Os líderes tinham-se tornado *antilíderes*, chefes de bandos criminosos, debochadores das boas morais, em nada melhores que os pagãos, arrastando para baixo toda a nação, juntamente com eles. Miquéias retratou os feitos avaros e irresponsáveis dos governantes de Israel. Cf. Miq. 5.20. No vs. 2 deste capítulo, Miquéias usou a figura do açougueiro e da fera. Aqueles réprobos tinham sido como açougueiros contra o povo de Deus.

3.1

Ouvi, agora, vós, cabeças de Jacó. Estas palavras referem-se aos líderes civis mais proeminentes da nação.

Vós, chefes da casa de Israel. Ou seja, o pessoal burocrático, pertencente ao governo. O pessoal administrativo do país era totalmente debochado. Nenhum dos habitantes podiam lembrar-se do que era a *justiça*. No vs. 7, os líderes religiosos são alvos de ataque. A classe governamental inteira, civil e religiosa, era irremediavelmente corrupta: *política como é usual*. Quanto a fortes chamadas similares pela justiça, cf. Amós 2.6,7; 5.7,10,12,15,24; 8.4-7. A primeira mensagem dos profetas atacava os pecados da população em geral. O capítulo 3 apresenta o ataque contra os líderes. A confiança havia sido traída. Os que tinham responsabilidade usavam seus deveres para enriquecer-se. Miquéias não estava tentando escrever alguma obra literária clássica. Antes, tentava interpretar, para seus contemporâneos, as *razões* pelas quais a ira de Deus estava prestes a atacar, destruindo completamente a casa de Israel. A situação pintada neste versículo está impregnada da piedade hipócrita e do barbarismo arbitrário e selvagem que eram e são características dos déspotas. "Vós vos assentais a julgar outras pessoas; certamente, pois, deveríeis conhecer esse julgamento porque a hora das injustiças vos espera (ver Rom. 2.1)" (Fausset, *in loc.*).

"*Suetônio* diz-nos que Tibério, quando os governantes das províncias lhe escreveram, exortando-o insistentemente a aumentar os tributos, replicou: 'É função do bom pastor tosquiar as ovelhas, e não arrancar-lhes a pele" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.2

Os que aborreceis o bem, e amais o mal. Aqueles réprobos reverteram os sinais, odiando o que era bom e amando o mal. Eles se tornaram açougueiros do povo, em vez de serem seus pastores. "Vós esfolais vivos o meu povo. Vós arrancais a carne de seus ossos" (NCV). Entre os filhos de Israel, a preferência pelas emoções fortes e pelos benefícios de quem servia a si mesmo tornou-se universal. Cf. Amós 5.14,15. O matador do animal agora passava a esfolá-lo com satânica alegria. Então o simbolismo é alterado para outro "trabalho de matança", o de um animal feroz que despedaça sua vítima, inspirado por um ódio iníquo. As classes superiores e governantes eram tanto *açougueiros* quanto *animais ferozes*, e seus subordinados eram as vítimas.

3.3

Que comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele. Uma *terceira figura simbólica* apresenta aquelas feras terríveis a cortar as carnes de seus compatriotas como um cozinheiro que prepara um prato de carne e tira vantagem de cada parte do corpo, cortando-o em pedaços pequenos para serem cozinhados em uma panela. A exploração brutal era o jogo deles, incluindo crimes de sangue, sempre que isso fosse necessário ou conveniente. Aqueles homens sem entranhas, pois, eram açougueiros, feras e devoradores de seus semelhantes. Não tinham maior consideração pelos seres humanos, que eram seus semelhantes, do que os açougueiros e as feras têm pelas carcaças.

"Miquéias compara o que eles fizeram com o processo de preparar alimentos, quando cada parte do corpo do animal, até os ossos, são utilizados. Assim era que o juiz roubava o povo até nada mais restar deles" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Eze. 24.3. "Eram semelhantes a canibais: eles os esfolavam e comiam as carnes, devorando-lhes a substância" (John Gill, *in loc.*).

3.4

Então chamarão ao Senhor, mas não os ouvirá. Quando o terror viesse sobre eles, sob a forma de invasores estrangeiros, eles clamariam a Yahweh, rogando livramento, esquecidos da maneira ousada e desobediente como tinham vivido. Porém, Yahweh não os ouviria. Pelo contrário, faria os invasores virar açougueiros, feras e cozinheiros que agissem contra eles, reduzindo-as a nada, tal e qual eles tinham feito a outras pessoas. Dessa forma seria servida a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver sobre esse título no *Dicionário*. Os assírios seriam as feras contra o reino do norte, Israel, e os babilônios contra o reino do sul, Judá. Eles se ocultaram e negaram qualquer misericórdia humana quando suas vítimas lhes imploraram por isso. Assim também Yahweh se esconderia de seus clamores. Visto que eles se tinham mostrado bestiais, seriam mortos por bestas-feras. Aqueles réprobos consideravam-se pessoas religiosas e costumavam apelar para a fé antiga em tempos de crise. Mas tudo isso era a mais horrenda hipocrisia, que não se mostraria eficaz. "Eles teriam de viver com as conseqüências de seus atos, suportando a punição pelo mal que praticavam" (John A. Martin, *in loc.*). Era tarde demais para os filhos de Israel clamarem a Yahweh. O tempo de fazer *justiça* havia chegado. Os antigos opressores seriam agora oprimidos.

3.5

Assim diz o Senhor acerca dos profetas que fazem errar o meu povo. O profeta Miquéias tinha terminado sua tirada contra os governantes civis. Agora voltava sua indignação contra os líderes religiosos. Os falsos profetas faziam o povo de Israel errar. Eram indivíduos pragmáticos que serviam a si mesmos, e eram ateus práticos, a despeito de toda a sua "conversa sobre Deus", o que, na realidade, era "conversa sobre os deuses", visto que promoviam cultos idólatras. Eles diziam o que o povo queria ouvir. Mas não tinham nenhuma mensagem da parte de Yahweh. "Se alguém desse aos profetas falsos alimentos para comer, eles gritavam: Paz! Mas se não lhes desse o que comer, eles declaravam guerra contra esse alguém" (NCV). Assim era que as profecias deles variavam não seguindo a verdade e, sim, o próprio auto-interesse. Cf. seus falsos clamores de paz em Jer. 6.4 e 8.11 e Eze. 13.10. Se não se estavam banqueteando com os alimentos que lhes eram presenteados por aqueles que buscavam ajuda, estavam fazendo "santa inquisição" contra aqueles que os desagradavam. Eram profetas profissionais sem escrúpulo, que arrancavam dinheiro por ludíbrio, embora fossem extremamente religiosos. Em meio a todo esse serviço próprio, não guiavam o povo, mas o faziam errar com o seu mau exemplo.

3.6

Portanto, se vos fará noite sem visão. A *noite* é um *período propício* para os sonhos e as visões espirituais, visto que o corpo e a mente estão tranqüilos, e o espírito pode tomar conta das coisas. Aqueles réprobos, entretanto, não teriam sonhos e visões espirituais genuínos. Eles afirmariam ter experiências místicas a fim de impressionar outras pessoas, mas neles não havia espiritualidade legítima. Suas noites eram passadas na total escuridão, tanto para os olhos físicos como para a alma. Finalmente, o julgamento divino, como se fossem densas trevas, lhes sobreviria, envolvendo-os e terminando com eles. A noite deles seria uma noite de julgamento, e não de iluminação do espírito. "A noite virá sobre vós sem visões, e trevas com as adivinhações. O sol pôr-se-ia para os profetas" (NCV). Essas coisas não eram boas para o povo durante o dia, e certamente não o seriam quando a noite de terror chegasse. "As calamidades vos pressionarão e vos avassalarão de tal maneira que vos compelirão a deixar de fingir ser divinos (ver Zac. 13.4)" (Fausset, *in loc.*). "Tais trevas da aflição sobreviriam a eles de tal modo que eles não seriam capazes de oferecer nenhuma adivinhação ou predizer coisas boas. As trevas e as aflições serão a porção deles" (John Gill, *in loc.*).

3.7

Os videntes se envergonharão, e os adivinhadores se confundirão. Os próprios que deveriam ser capazes de oferecer ajuda no tempo do teste mostrar-se-ão silentes e esconderão o rosto de vergonha. Eles nunca foram verdadeiros profetas, e a hora da aflição mostraria que eles não passavam de fraudes. Clamores de paz tornar-se-iam absurdos e não obteriam resposta da parte de Yahweh-Elohim. A resposta divina era o *arrependimento*, mas eles jamais profeririam essa palavra. Por seus frutos o povo reconheceria o verdadeiro caráter deles. Eram totais fracassados espirituais, mas tinham sido nomeados líderes espirituais. Não teriam visões quando chegasse a tribulação final. Nem ao menos tentariam lançar sortes, ler presságios ou fazer qualquer daquelas coisas triviais em que os homens depositam a confiança. Eles tinham exigido uma *boa vida* mediante o exercício de sua "profissão" (vs. 5). Mas isso tão-somente os conduziu a uma morte temível, sem recurso algum. "Suas visões desapareceriam; sua luz tornar-se-ia trevas; e eles seriam tomados por vergonha total, porquanto não receberiam mais resposta da parte de Deus, se, de fato, alguma vez tinham obtido tal resposta" (Harold A. Bosley, *in loc.*).

"Eles cobrirão seus lábios, como os leprosos que eram cortados de toda a comunicação com os homens, como eles, falsos profetas que eram, estavam cortados de toda a comunhão com Deus, que deveriam 'cobrir seus lábios superiores'. Isso era sinal de lamentar pelos mortos. Ezequiel recebeu ordens para despertar o espanto do povo, *omitindo* o ato de cobrir o lábio superior quando sua esposa morreu" (Ellicott, *in loc.*). Ver Eze. 24.17.22.

3.8

Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor. Em contraste com os falsos profetas, Miquéias era forte como um touro, cheio do poder divino provido pelo Espírito de Yahweh. Ele sabia no que consistia a justiça e tornou isso claro ao povo de Israel. Estava cheio de poder, o que o capacitou a declarar o caminho reto a Jacó (a nação do sul) e a Israel (a nação do norte). Ou as duas palavras são sinônimas, indicando o que foi deixado de Israel após as dez tribos do norte terem sido levadas para o exílio. Judá tornou-se a nação de Israel. Miquéias magnificou a dignidade e o poder do seu ofício profético, contrastando isso com o fracasso dos falsos profetas. "Cf. Isa. 58.1. Não para lisonjear o pecador, conforme faziam os falsos profetas, com promessas de paz" (Fausset, *in loc.*).

3.9

Ouvi agora isto, vós, cabeças de Jacó. Miquéias proferiu mais uma palavra, para chamar a atenção de todos aqueles réprobos líderes civis (vss. 1-5) e religiosos (vss. 5-7). Note a repetição de *Jacó... Israel* (ver as notas sobre o vs. 8). Aqueles homens, como uma classe, odiavam e pervertiam a justiça. Cf. com o vs. 2, onde os vemos odiando o bem e amando o mal. Nesta terceira parte de sua tirada, o profeta sumariou a questão (vss. 9-12). Toda a classe governante (bem como o povo que seguia o mau exemplo deles) tinha perdido o senso de equidade. Tornaram-se patronos e modelos da injustiça, inspirados pela loucura do auto-interesse, da exploração e da cobiça. "O profeta os citou por aborrecerem o julgamento, perverterem a equidade e edificarem suas cidades sobre o sangue e o pecado" (Harold A. Bosley, *in loc.*).

3.10

E edificais a Sião com sangue, e a Jerusalém com perversidade. Crimes de sangue e pecados generalizados, de tantas modalidades que desafiavam a contagem, tornaram-se os alicerces da cidade de Jerusalém. A colina de Deus, Sião, se tornara a coluna de Satanás. A nação inteira estava tão corrompida porque Jerusalém era seu centro apodrecido. Cf. Miq. 2.9, onde está contido um dos mais óbvios e nojentos de seus crimes. Derramamento de sangue, violência de todas as formas e justiça pervertida reinavam no lugar onde a lei supostamente era o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.). Habacuque (2.12) denunciara o rei da Babilônia pelas guerras sangrentas que ele tinha encabeçado a fim de obter riquezas materiais. Jerusalém, porém, não era melhor do que os piores pagãos.

3.11

Os seus cabeças dão as sentenças por suborno. Todas as classes de governantes, como os dirigentes civis (vss. 2-4), os líderes religiosos (vss. 5-7) e os juízes (vs. 11), tinham corrompido a justiça. Os *subornos* decidiam os casos de justiça, sem importar se estavam certos ou errados. Cf. esse fato com Isa. 1.23; Eze. 22.12; Osé. 4.18 e Miq. 7.3. Vemos, no vs. 5, que os profetas falsos trabalhavam à base do lucro pessoal ("quando têm o que mastigar"). Ver Jer. 6.13. Durante todo o tempo, hipocritamente, eles diziam: "O Senhor está conosco. Nada de ruim nos sucederá" (NCV). Juntamente com todas as suas outras perversões, eles mantinham uma religião pervertida. As leituras psíquicas que os videntes seculares dão a seus clientes são sempre "positivas", porquanto oferecem aquilo que seus clientes querem ouvir, *se* eles pagarem o que eles cobram por seus serviços. Os falsos profetas estavam atrás de dinheiro (cf. Miq. 7.3), mas também tinham a audácia de falar piedosamente sobre Deus, como se Ele fizesse parte daquele negócio desonesto.

3.12

Portanto, por causa de vós, Sião será lavrada como um campo. Os *colhedores babilônicos* estavam chegando e lavrariam Jerusalém como se fosse um campo; eles reduziriam Jerusalém a um montão de ruínas. O templo (casa) de Salomão seria demolido e em seu lugar haveria uma colina estéril, desertada, no meio do bosque. Eis o que aconteceria à nação que esquecera Deus. "Até a colina do templo seria coberta por uma vegetação arbustiva" (John A. Martin, *in loc.*).

Há uma curiosa nota histórica, feita por Jerônimo, no sentido de que Tito literalmente arou o terreno do segundo templo quando, no ano 70 D. C., ele conquistou Jerusalém (ver esses comentários em Zac. 8.19).

Capítulo Quatro

Visões sobre um Futuro Glorioso (4.1 – 5.15)

Esta seção parece consistir em vários oráculos costurados um ao outro, todos tratando sobre o tema comum da restauração e das bênçãos que reverterão completamente o trágico quadro retratado em Miq. 3.12.

"*Miq. 4.1 - 5.15.* Profecias sobre o glorioso futuro de Israel e restauração do reino davídico constituem a segunda seção principal do livro. Embora muitos eruditos datem a origem dessas profecias durante o período pós-exílico, muito possivelmente elas estão baseadas em oráculos genuínos de Miquéias, editadas em sua forma presente após o exílio" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução à seção).

"Nestes capítulos, Miquéias predisse a vinda do reino de Deus, anunciada em quase todos os escritos proféticos. Ele fala sobre as características do reino vindouro (Miq. 4.1-8), sobre os eventos que precederão o reino (4.9-5.1) e o Rei que o estabelecerá (5.2-15)" (John A. Martin, *in loc.*).

Religião Universal e Paz Perpétua (4.1-8)

4.1

Mas nos últimos dias acontecerá. Miq. 4.1-3 é similar a Isa. 2.2-5. Em Miq. 4.1-8, o profeta menciona *onze* características do reino, dando-nos uma das mais completas descrições proféticas do reino nas páginas do Antigo Testamento. Temos aqui um otimismo desenevoado sobre o futuro de Israel. Essa descrição forma um quadro esplêndido sobre um mundo de justiça, lei e paz.

Últimos dias. Ver sobre este título no *Dicionário.* "O monte da casa" é Sião, onde o templo (casa) fora construído. Jerusalém nada seria sem o seu templo. Os estudiosos dispensacionalistas falam sobre o "templo milenial". Considere o leitor estes onze pontos:

1. *Primeira característica* da era do reino: A restauração de Jerusalém, como sua capital político-religiosa, completa com o templo e governada pelo Rei-Messias. Naquela época, Deus abençoará todas as nações da terra por intermédio de Israel (ver Gên. 12.3; Isa. 11.9). Israel será a cabeça das nações e sua abençoadora. Desaparecerão as antigas hostilidades. Haverá grande prosperidade espiritual e material. Isa. 2.2-5 baseia-se em Miq. 4.1-3, e não vice-versa. Coisa alguma aconteceu após o retorno do remanescente judeu da Babilônia que justificasse as declarações desta seção. A mensagem que temos aqui pertence inteiramente aos *últimos dias.*
2. *Segunda característica* da era do reino: Israel ocupará posição *ímpar* durante a era do reino, pois será a cabeça das nações, e, por assim dizer, com o resto das nações (que será o seu *corpo*) será abençoada e exaltada. A humanidade inteira *fluirá* a Jerusalém para receber mútuo benefício, como se fosse um poderoso rio. Cf. Sal. 46.4; 65.9; Isa. 33.21; Joel 3.18 e Eze. 47.

4.2

Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor.

3. *Terceira característica* da era do reino: O templo será o lugar da disseminação dos ensinos espirituais para as nações. Todos os povos aprenderão a andar em harmonia com os ensinamentos recebidos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Andar;* e em Deu. 6.4 ss. ver a lei como *guia* do antigo povo de Deus. Essas condições reverterão completamente as condições vigentes nos dias de Miquéias, quando Israel se tornou uma nação apostatada, deixando um mau exemplo de desobediência espiritual para todos os povos.
4. *Quarta característica* da era do reino: A *lei* (no hebraico, *torah*) será o manual do conhecimento e da instrução espiritual. A *lei* e a *palavra* de Yahweh são termos sinônimos. Cf. Isa. 11.110; 60.1-14; Jer. 3.17; 31.12; Zac. 2.11; 8.22,23; 14.9,16, quanto a uma mensagem similar à do presente versículo. Deus é o Governante (vs. 3), e Sua Palavra é a palavra de Suas ordens e instruções. Ver Deu. 6.4 ss.

4.3

Ele julgará entre muitos povos, e corrigirá nações poderosas e longínquas.

5. *Quinta característica* da era do reino: "Muitos povos e até fortes nações apresentarão ao Senhor as suas disputas. Elas se submeterão às decisões divinas, percebendo claramente que aquilo que Ele tiver decidido é a decisão certa. Nos dias de Miquéias, os judeus se encolerizavam sob a Palavra de Deus, não desejando ser informados, nem pelo Senhor nem pelo Seu profeta, que eles laboravam em erro. Em contraste com isso, eventualmente, o mundo inteiro submeter-se-á voluntariamente à Palavra de Deus e às Suas decisões" (John A. Martin, *in loc.*). Cf. Isa. 40.9-11.
6. *Sexta característica* da era do reino: O fim das guerras. Instrumentos de guerra, como espadas e lanças, serão dissolvidos e transformados em implementos agrícolas. Recursos econômicos que, em nossa própria era, são gastos na arte de matar, serão empregados nos meios de doar vida. Não mais haverá exércitos permanentes, e todo o dilapidar de fundos atualmente investidos na manutenção de atividades e instituições inúteis chegará ao fim. A paz habitará no coração dos homens e predominará neste mundo. Pessoas que antes eram *treinadas* (ou forçadas) a matar serão treinadas para atividades úteis que beneficiarão a humanidade, em vez de prejudicá-la. "Esse sonho de um mundo de paz é um dos mais poderosos conceitos a entrar na perspectiva humana" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

4.4

Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira.

7. *Sétima característica* da era do reino: Haverá tanto segurança quanto abundância. Cada indivíduo terá sua faixa de terra, e essa terra será produtiva. Nenhum homem prejudicará o próximo ou meterá medo, nem terá suas colheitas atacadas por outros, conforme acontecia no passado. Nenhum homem explorará ou defraudará outro, nem tomará o que não lhe pertence. Cf. I

Reis 4.25; Isa. 40.5 e Zac. 3.10. *Yahweh-Sabaote*, o Deus eterno, General dos Exércitos, declarou isso em Seus decretos, o que significa que fatalmente assim se dará no futuro.

"Este poema (vss. 1-4), sobre a conversão das nações aos caminhos da piedade, é uma das mais desafiadoras passagens existentes na Bíblia" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

4.5

Porque todos os povos andam, cada um em nome do seu deus.

8. *Oitava característica* da era do reino: Nos dias de Miquéias, as nações gentílicas continuavam a andar no nome de seus muitos deuses, ao passo que Israel andava no nome de Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso). Israel continuará a andar assim e atrairá as nações pagãs para sua maneira espiritual de viver. Suporse que durante a era do reino de Deus as nações gentílicas andarão em consonância com suas religiões pagãs é uma contradição com o que lemos nos vss. 2-3. Assim sendo, se o presente versículo pode ser entendido como referente às condições religiosas das nações, durante a era do reino, dificilmente isso acontecerá. Alguns estudiosos supõem que este versículo tenha sido *inserido* para refutar as noções idealistas dos vss. 2-3, e essa inserção foi feita por um editor posterior. O profeta Miquéias, entretanto, não estava defendendo um monopólio espiritual. Nem devemos ver aqui um *sincretismo*: as nações gentílicas, ao mesmo tempo que permaneciam adotando seu panteísmo, incorporariam o yahwismo em sua fé.

4.6

Naquele dia, diz o Senhor, congregarei os que coxeiam.

9. *Nona característica* da era do reino: Todo o povo de Israel será recolhido à Terra Prometida. Todas as dispersões do povo de Israel serão revertidas. "Todo o Israel será salvo" (Rom. 11.26). Nenhum descendente de Abraão será deixado de fora da salvação. Até o mais débil será trazido de volta, o que é dito metaforicamente em referência ao *coxo*, que não será esquecido *por ocasião da salvação*. Todos os aflitos, aqueles "expulsos" pelo julgamento de Yahweh, serão trazidos de volta porque a maldição terá corrido seu curso, e o julgamento divino terá realizado sua obra de restauração. "Na tribulação, os judeus serão perseguidos (Dan. 7.25) e dispersos (Zac. 14.5). Mas quando Cristo retornar, eles serão recolhidos (Mat. 24.31)" (John A. Martin, *in loc.*).

"A figura aqui parece ser a do bom pastor, que se assemelha ao seu rebanho mutilado e espalhado. Provavelmente conta, como inspiração de pano de fundo, a figura de Deus como o bom pastor (ver Isa. 40.11)" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*). Cf. este versículo com Eze. 34.16; Isa. 24.23 e Sof. 3.19. Essa será uma eterna operação da graça e da misericórdia divina. Cf. Isa. 9.6,7; Dan. 7.14,27; Luc. 1.33; Apo. 11.15.

4.7

Dos que coxeiam farei a parte restante.

10. *Décima característica* da era do reino: Israel será uma nação transformada e em nada parecida com a Israel dos dias do profeta Miquéias. Tornar-se-á forte material e espiritualmente, e se sujeitará às leis e aos mandamentos de Yahweh. Israel será uma nação verdadeiramente distintiva, conforme sempre se supôs que fosse (ver Deu. 4.4-8). Espiritualmente, esse povo esteve *alejjado* (cf. Sof. 3.19); foi rejeitado e expulso para o exílio, mas agora voltará restaurado (ver Isa. 37.32; Miq. 2.12; 5.7,8; 7.18; Rom. 9.27 e 11.5). Yahweh será o Rei deles (ver Miq. 5.2 e Sof. 3.15); a capital ficará no monte Sião, e eles continuarão para sempre nesse estado abençoado (ver Sal. 146.10; Luc. 1.33; Apo. 11.15). O país será imortalizado e governado pelo Rei imortal (ver Isa. 24.23; 40.9,10; 52.7).

4.8

A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá.

11. *Décima primeira característica* da era do reino: Esta última característica nos conduz de volta, em sua essência, à *primeira* característica, referida no vs. 1. A figura do pastor é novamente usada. O monte santo (Jerusalém, Sião), onde o culto de Yahweh será centralizado, será como uma *torre de vigia*, onde o próprio Deus estacionará, vigiando sobre Israel.

Em segundo lugar, Jerusalém será a torre de vigia que garante a segurança do restante da nação e, ao que se presume, também as nações gentílicas dependentes, conforme afirma o vs. 1. Nessa segurança, haverá bem-estar e prosperidade. A restauração fará Israel ser maior do que foi em qualquer outra época, como durante o *domínio anterior*, ou seja, durante o tempo de Davi e Salomão, quando Israel esteve vivendo seu período de glória. O *rebanho* aqui referido é Israel como as ovelhas de Yahweh (ver Isa. 40.11; Jer. 13.17,20; Miq. 5.4; Zac. 10.3). Israel não viverá mais dominada por uma potência estrangeira, conforme aconteceu periodicamente, no passado. De fato, ter-se-á tornado a cabeça das nações, tal como Yahweh será sua cabeça. Os *tempos dos gentios* terão terminado (ver Luc. 21.24).

Eventos que Antecederão o Reino: Monarquia, Militarismo e Vingança
(4.9 – 5.6)

4.9

Agora, por que tamanho grito? Não há rei em ti? Alguns intérpretes vêem nos vss. 9-10a uma referência ao cativeiro babilônico. Outros vêem as terríveis condições em que os judeus viviam, enquanto se debatiam procurando sobreviver em Jerusalém, durante o primeiro século depois de seu retorno da Babilônia à Palestina. Seja como for, os tempos eram difíceis e repletos de dor, e podem tipificar as condições que deverão preparar Israel para a inauguração do reino, *se*, porventura, essas predições têm por intuito aplicação a longo prazo. Israel tentaria melhorar sua sorte apelando para o militarismo a fim de tentar impedir as violações de povos estrangeiros. E, como é natural, a vingança estará sempre envolvida no militarismo.

Tempos difíceis terão de ser enfrentados, tal como uma mulher, ao dar à luz, passa por um difícil período de temor e dor. Cf. este versículo com Miq. 5.3; Jer. 8.19; Isa. 23.4 e João 16.21. Durante o cativeiro babilônico e nos anos que se seguiram, dores atrozes se apossariam de Israel, que estaria essencialmente destituída de "rei" e sem uma orientação apropriada para tempos de tamanha provação.

4.10

Sofre dores e esforça-te, ó filha de Sião. A libertação e a restauração só poderão ocorrer *através das dores de parto*. As dores de parto não seriam em vão. Produzirão um Novo Dia e também uma nova vida, embora seja um processo muito doloroso. Os poucos cativos (após os ataques dos babilônios) seriam reunidos em campo aberto e então partiriam para a Babilônia para ali sofrer o cativeiro e a escravidão. Porém, há salvamento nos planos divinos. Isso envolve a redenção pelo poder de Yahweh, bem como a restauração à Terra Prometida. A menção específica à Babilônia aqui (enquanto Judá ainda estava nos dias do poder do império assírio) é considerada, pelos críticos, indicação de que a "profecia" foi, na realidade, um escrito "após passado o fato". Os autores conservadores, por outro lado, tomam essa predição como uma profecia "a longo prazo".

Filha de Sião. Ou seja, Judá, assim chamado por causa da metáfora do nascimento de um filho. Cf. Miq. 1.13 e 4.8. Esse uso da expressão é freqüente nos escritos dos profetas, e isso em várias conexões. Cf. Jer. 4.31; 6.2; Lam. 2.8 e Zac. 2.10.

4.11

Acham-se agora congregadas muitas nações contra ti. Alguns intérpretes vêem, neste versículo, uma "conseqüência" do cativeiro, as condições instáveis do período entre 516 e 445 A. C. Foram anos trágicos e de grande provação. Alguns estudiosos vêem aqui uma profecia a longo prazo que retrata condições esperadas para o tempo em que Israel estiver prestes a entrar na era do reino de Deus. De certa maneira, temos aqui a história de Israel em miniatura: sofrimentos e mais sofrimentos, às mãos de povos pagãos, que requerem ainda outro livramento. Neemias teve de enfrentar, de imediato, a oposição dos pagãos. Judá tinha voltado do cativeiro, mas isso não significou que estivesse desfrutando a paz. Os conflitos antigos continuariam. O povo de Israel seria *profanado* por meio de ataques dos povos pagãos, e suas práticas idólatras também fariam incursões no culto de Judá e o profanariam. Os povos pagãos olhariam anelantemente na direção de Sião, desejando destruir e saquear aquele lugar.

4.12

Mas não sabem os pensamentos do Senhor. Os *conselhos de Yahweh* haveriam de prevalecer sobre os planos ousados dos pagãos. Eles não têm conhecimento desses planos, e até a própria nação de Israel só conhece em parte esses planos, mas isso não significa que esses planos não ocorrerão. É propósito de Yahweh reuni-los como os molhos são reunidos durante a colheita. Por meio da intervenção divina, haverá glorioso dia de colheita para Israel, e, porquanto esse povo seria deixado sozinho, seus conflitos intermináveis não veriam fim. Mas alguns intérpretes fazem essa reunião ser das nações contra o povo de Israel. Os que tiverem sido reunidos serão atingidos por uma surpresa fatal. Essa reunião terá por propósito fazer com que eles sejam "colhidos", isto é, cortados e reduzidos ao estado de palha. "Ele os esmigalhará como um punhado de grãos na eira" (NCV). Alguns vêem o *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*) nessa figura e apontam para Apo. 16.16 e 19.19. E o vs. 13 parece confirmar essa segunda interpretação.

4.13

Levanta-te, e debulha, ó filha de Sião. Israel participará da colheita dos pagãos. Eles ajudarão a derrotar muitos povos e os despedaçarão, e o cereal que

seria resultante do ato de trilhar seria devotado a Yahweh, e, assim, viria a pertencer a Ele. Isso implica uma restauração das nações, conforme encontramos em Miq. 4.1. A restauração será efetuada através do *julgamento*, um ensinamento comum e constante da Bíblia. O julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Essas coisas precisavam acontecer porque Yahweh é o Senhor de toda a terra (cf. Sal. 97.5; Zac. 4.14 e 6.5) e Seus propósitos a longo prazo beneficiam a todos. Mas as leis morais governam e devem ser satisfeitas com os julgamentos disciplinadores apropriados.

Israel, como um touro, usará seus chifres contra as nações. Então o povo de Israel pisará sobre as nações com cascos de bronze. Esses serão medidas *preliminares* necessárias ao propósito maior da restauração. Por semelhante modo, os julgamentos divinos são medidas preliminares e necessárias das operações da graça. A cruz foi um julgamento divino, mas da cruz flui a vida eterna. Pessoalmente, não posso divorciar o vs. 13 dos vss. 1-2. Penso que estão abordando o mesmo "pacote". "Deus sujeitará as nações a Sião não para seu próprio engrandecimento egoísta, mas para a glória do Senhor (ver Isa. 60.6,9. Ver também Zac. 14.20 e Isa. 23.18) ... *visando o bem final deles,* porque Yahweh é o Deus de todas as nações, e não somente de Israel" (Fausset, *in loc.*).

Capítulo Cinco

Não há interrupção entre os capítulos 4 e 5. O trecho de Miq. 5.1 continua a seção iniciada em Miq. 4.9, onde dou as notas de introdução.

5.1

Agora ajunta-te em tropas, ó filha de tropas. "Os habitantes de Jerusalém e suas cercanias foram chamados a mobilizar-se imediatamente, de acordo com suas divisões, formando um exército que executaria os desígnios apresentados em Miq. 4.13. O restante do versículo diz-nos por que essa ação proposta era tão urgente" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*). É provável que o "juiz" de Israel, aqui mencionado, tenha sido o rei Zedequias, o último monarca de Judá antes do cativeiro babilônico. Ver II Reis 25.1-7. Alguns fazem esta profecia ser messiânica, fazendo de Cristo o "juiz" (em Seu primeiro advento), o que pode ser apoiado pelo vs. 2, famoso versículo messiânico. Ser esbofeteado na face era um insulto, bem como uma injúria. Alguns estudiosos tornam este versículo geral (algo parecido com o que acontece ao vs. 11), e não fornecem nenhuma interpretação específica. Tempos atribulados para Israel continuariam ocorrendo, com muitos ataques, insultos e retrocessos da parte dos pagãos. Cf. este versículo com Isa. 50.6; Mat. 26.67 e 27.30, quanto a possíveis aplicações messiânicas.

5.2

E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá. A linhagem de Davi deveria continuar na pessoa de Jesus Cristo. O rei teria origem "desde os tempos antigos", que alguns pensam ser uma menção à dinastia davídica, não vendo aqui uma referência específica a Jesus Cristo, que pertencia à linhagem de Davi (ver as genealogias de Mateus e Lucas). Este versículo é interpretado como falando da esperança de um engrandecimento futuro de Israel, quando (segundo se espera) a linhagem do reis davídicos será renovada na pessoa de Cristo. É difícil, porém, ver este versículo à parte da esperança messiânica. Jesus nasceu em Belém da Judéia, local cerca de 8 km a sudoeste de Jerusalém. O Cristo teve uma vida preexistente. Davi nasceu em Belém da Judéia (ver I Sam. 16.1,18,19; 17.12), e outro tanto aconteceu com Jesus (ver Mat. 2.1). "O Rei-Messias nasceu em uma cidade insignificante, que nem ao menos é citada nas listas das cidades de Judá (ver Jos. 15; Nee. 11). Mas Ele mesmo seria o Rei e cumpriria a vontade do Pai (ver João 17.4; Heb. 10.7). Ele viria de 'dias de tempos imemoriais', conforme diz o original hebraico, literalmente. Ver João 1.1; Fil. 2.6; Col. 1.17 e Apo. 1.8, o que subentende a eternidade de Jesus, o Cristo" (John A. Martin, *in loc.*).

Este versículo é citado em Mat. 2.6. Ver sobre ele no *Novo Testamento Interpretado.*

Belém Efrata. "Efrata" era o nome antigo do lugar. Ver Gên. 35.16-19 e 48.7. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Belém.* Esse nome completo foi usado para distinguir esta cidade de Belém de outra cidade com o mesmo nome, que havia no território da tribo de Zebulom (ver Jos. 19.15).

5.3

Portanto os entregará até ao tempo em que a que está em dores tiver dado à luz. "O Senhor deixaria o Seu povo na Babilônia, até que Jerusalém, que estava em trabalho de parto, desse à luz os seus filhos. E então os irmãos deles, que estavam no cativeiro, retornariam. Eles voltariam a unir-se ao povo de Israel que estava vivendo na terra de Judá" (NCV). As vicissitudes adversas do cativeiro cederão caminho para um novo dia, e assim terminarão todas as dolorosas conseqüências daquele tempo (Miq. 4.11). Haverá a restauração prometida, e *todo o Israel será salvo* (ver Rom. 11.26). O vs. 3 fornece uma espécie de filosofia do exílio. Tempos difíceis cedem lugar para tempos melhores, tal como uma mulher desespera da própria vida quando sofre as dores do parto, mas logo esquece todo o sofrimento, depois de ter dado à luz a seu precioso filho. Cf. este versículo com Miq. 4.9 e 10, onde aparece a figura do parto. Haverá uma reunião espetacular! Cf. este versículo com Osé. 2.14 e Jer. 50.4.

5.4

Ele se manterá firme, e apascentará o povo na força do Senhor. Temos aqui novamente menção ao *Novo Rei,* o rei da restauração, que governará durante aquele período melhor. Cf. o vs. 2. Esse governante se estabelecerá firmemente (permanecerá em Seu reino); Ele cuidará de Seu povo como um pastor cuida do seu rebanho; Ele os liderará mediante o poder e o nome maravilhoso de Yahweh-Elohim. E eles habitarão seguros na Terra Prometida e prosperarão. A grandeza do Senhor será reconhecida por toda a terra. Este mundo tornar-se-á um único império mundial, sob as ordens do Messias. Haverá um reinado divinamente instituído. "Os judeus nunca mais se desviarão, mas permanecerão um único povo juntamente com os gentios (ver Miq. 4.1,2), sob o único Pastor e Superintendente de todas as almas" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pastor.* "Quando Ele estiver pastoreando a nação de Israel, haverá paz e segurança (ver Zac. 14.11), porquanto a grandeza e o governo Dele chegarão aos confins da terra (cf. Mal. 1.11). E, visto que Ele governará o mundo inteiro (ver Sal. 72.8 e Zac. 14.9), todos conhecerão Seu soberano poder, o que garantirá a segurança de Israel" (John A. Martin, *in loc.*).

5.5

Este será a nossa paz. Haverá uma era de paz perpétua, que os dispensacionalistas identificam com o *milênio* (ver a respeito no *Dicionário).* Em seguida, o versículo salta para o passado, ao mencionar a Assíria. Alguns estudiosos supõem que tenhamos uma interpolação, no restante do vs. 5, combinado com o vs. 6. Alguns situam essa adição tão tardia como o período dos macabeus. Considere o leitor estes pontos: 1. No caso que estamos considerando, talvez a Assíria represente a Síria (norte e nordeste da Palestina), a saber, os reis selêucidas, que foram perseguidores de Israel. Se isso é uma adição, então ela foi feita em algum tempo entre 312 e 65 A. C. *Sete pastores* (governantes) seriam levantados para defender a Palestina contra os assédios de Antíoco Epifânio e seus sucessores. 2. Outros vêem diferentes referências históricas neste ponto. 3. Ainda outros pensam que os *assírios* representam os adversários de Israel, em qualquer época, e deixam a referência um tanto vaga. 4. Outros estudiosos transferem a questão inteira para o tempo em que o reino de Deus será inaugurado. Yahweh dará a Seu povo líderes suficientes (pastores) para guiá-los através daqueles tempos atribulados, uma liderança *completa,* representada pelo número *sete.* Em outras palavras, sendo que este versículo é vago, recebe uma interpretação arranjada, na esperança de que um dos chumbos acerte a verdade. 5. Alguns eruditos chegam a fazer a igreja cristã entrar no quadro. 6. Finalmente, outros, fazem o versículo ser histórico, referindo-se ao ataque desfechado por Senaqueribe.

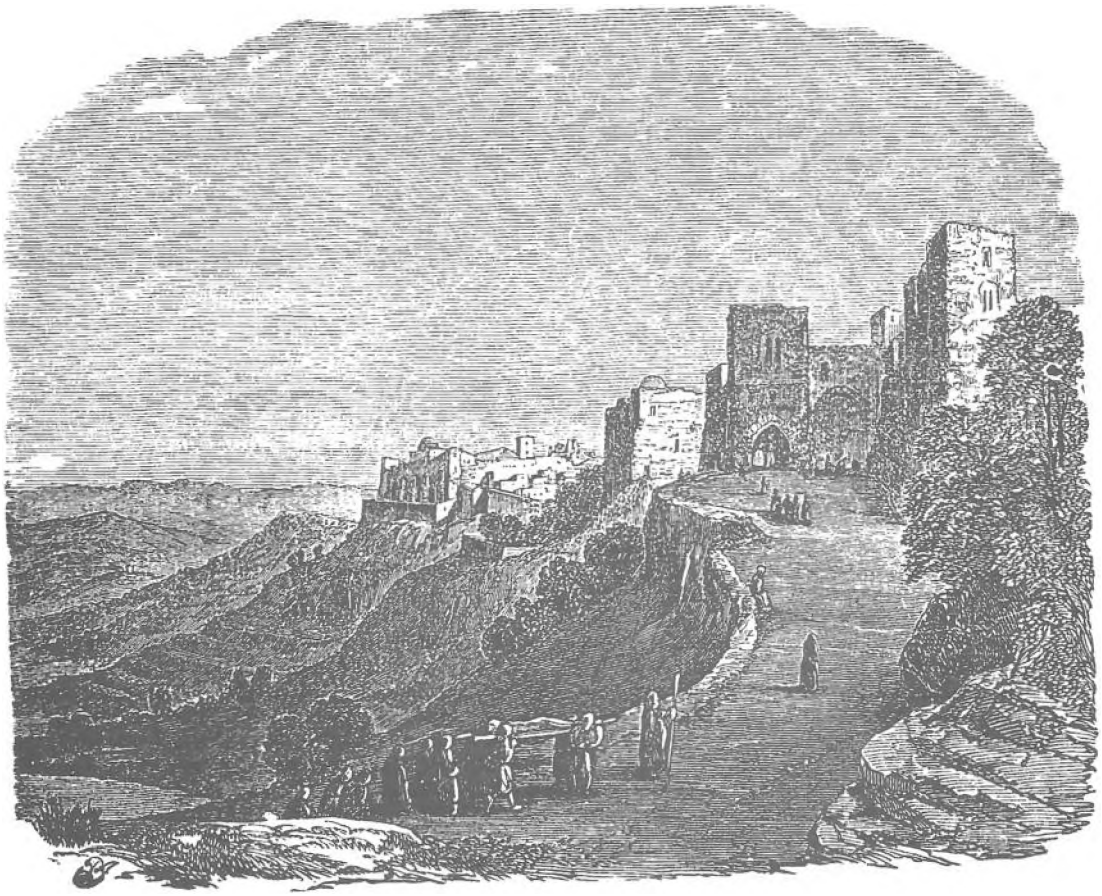
5.6

Estes consumirão a terra da Assíria à espada. Este versículo dá continuação ao versículo anterior, podendo receber todas as seis interpretações propostas ali. Ele assegura a vitória sobre qualquer coisa que o termo *Assíria* represente. Esse lugar era a terra do poderoso Ninrode, que puxava de uma espada poderosíssima para ameaçar a qualquer inimigo. Creditava-se a Ninrode a edificação da Assíria e sua capital, Nínive, bem como a cidade de Babilônia. Ele foi o primeiro rei da área. Ver Gên. 10,11,12. A Assíria representa um adversário temível para Israel, em qualquer época histórica. Mesmo assim, alguns intérpretes continuam tentando localizar este versículo na história passada ou futura, e isso nos deixa sem soluções específicas, se, na verdade, alguma solução tiver de ser obtida. Talvez a terceira das interpretações enumeradas nas notas expositivas sobre o vs. 5 seja a preferível.

Um Mundo de Pureza; Bênçãos (5.7-15)

5.7

O restante de Jacó estará no meio de muitos povos. Esta seção reinicia a passagem exílica de Miq. 4.1-6 e 6.8, que exibe boa vontade para com todos os povos. Isso pode parecer uma contradição com a seção anterior, onde vemos guerras e mais guerras, conflitos e mais conflitos. Porém, lembremo-nos de que tudo isso terá de acontecer antes que possam concretizar-se a restauração e a glória prometidas a Israel. Finalmente, porém, Israel estará entre as nações como



Belém, *Smith's Bible Dictionary*

Belém

E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.

Miquéias 5.2

Uma cidade na Palestina perto de onde Jacó sepultou Raquel, e que na época era conhecida como Efrata (Gên. 35.19; 48.7). Davi era natural de Belém, onde também foi ungido por Samuel para ser o futuro rei de Israel.

I Sam. 16.1 ss

Belém atingiu seu ponto culminante na história quando Jesus Cristo ali nasceu.

Mat. 2.1

um fator refrigerador, transmitindo-lhes vida e prosperidade. Somente a intervenção de Yahweh poderia produzir tal maravilha. Os estudiosos dispensacionalistas vêem aqui condições próprias do futuro reino de Deus.

A nação de Israel é apresentada como dotada de elevada missão a ser cumprida neste mundo. Ver Miq. 4.1,2 quanto à mesma idéia. O orvalho e as chuvas se aliarão para transmitir vida aos campos interioranos, pois sem isso não haveria vida. O sol brilha intensamente sobre a superfície dos oceanos e faz a água evaporar-se; as nuvens se formam; os ventos levam as nuvens por toda a terra; as nuvens provêem chuvas para um mundo sedento; as plantações crescem; os homens e os animais vivem. Então as águas retornam aos oceanos, e o *ciclo de água* se reinicia. Espiritualmente, Israel é um elo vital no ciclo de água transmissor de vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água,* que inclui aplicações metafóricas. Por meio de Israel, as nações viverão. A fonte final do ciclo físico de água é o sol e, da mesma maneira, Yahweh é a Fonte Final das águas espirituais que dão vida às nações. A Fonte originária é divina; a obra é divina; o resultado é divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.* A *intervenção* divina é uma doutrina fundamental da Bíblia. O Criador continua presente com a Sua criação: Ele recompensa e castiga; Ele intervém. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Cf. este versículo com Dan. 2.47; 3.29; 4.34; 6.26 e Rom. 11.12,25,26.

5.8

O restante de Jacó estará entre as nações. *Outra Metáfora é Usada Aqui.* Israel seria usado para abençoar ou para amaldiçoar: ou como o orvalho (vs. 7); ou como um leão que destrói as ovelhas do rebanho, de maneira brutal e devastadora. Ambos os elementos trabalham juntos para o triunfo final, pois a purificação vem através de severos julgamentos. Assim como a cena do orvalho e da chuva (vs. 7) é extremamente agradável, também a cena deste versículo é radicalmente brutal: "Eles serão como um jovem leão a atravessar o rebanho. Ele pisa o que estiver no seu caminho. Ninguém pode salvar as nações do povo de Deus" (NCV). Cf. este versículo com Deu. 28.13. "Em Deus há uma ira justa, bem como uma misericórdia toda-abarcadora" (Ellicott, *in loc.*). Não há nisso contradição: a ira é *o amor em operação,* pois aquilo que é feito é benéfico, a longo prazo. Ademais, o que for feito terá o propósito distinto de finalmente gerar o bem. Todos os juízos divinos são remediais, e não meramente retributivos (ver I Ped. 4.6).

Duas aplicações do motivo do leão: O leão é o rei das feras, fazendo o que bem quiser na floresta e destruindo os outros animais. Ele é igualmente o poder que passa pelos rebanhos de animais domésticos e destrói as infelizes ovelhas. Quanto a outras passagens que contêm o *motivo do leão,* ver Jó 4.10; 10.16; Sal. 7.2; Pro. 19.12; Isa. 5.29; Jer. 2.30; 49.19; Lam. 3.10 e Osé. 5.14.

5.9

A tua mão se exaltará sobre os teus adversários. Este versículo dá continuação à mensagem do versículo anterior, mas muda o simbolismo. Agora temos a figura de um guerreiro, que levanta sua arma para atacar. Ele enviará seus inimigos ao esquecimento, pelo que será isso o que Israel fará contra as demais nações. Alguns estudiosos vêem aqui um *punho,* e não uma arma, mas isso não altera a essência da figura simbólica. Cf. Isa. 26.11; Êxo. 13.9 e 14.8. Quanto à *mão* divina, ver as notas expositivas em Sal. 81.14 e, quanto à *mão direita,* ver Sal. 20.6.

5.10

E sucederá naquele dia, diz o Senhor. Haverá paz quando os instrumentos e a filosofia da *guerra* chegarem ao fim, mediante a intervenção divina. Israel e as nações gentílicas deixarão de confiar na força bruta. Cf. este versículo com Miq. 4.3.

Na Primeira Grande Guerra os homens tinham seus gases venenosos; na Segunda Guerra Mundial tinham a bomba atômica. Agora têm as duas armas e mais os agentes bacteriológicos, que podem destruir a humanidade inteira. Nos tempos antigos cavalos e carros de combate eram os instrumentos de guerra. Eram armas realmente humildes, mas podiam matar milhares de homens em uma única confrontação militar, por isso se tornaram símbolos dos modos de fazer a guerra entre os homens. Somente uma intervenção divina poderá tirar a guerra dos povos, pois esse é um impulso genético profundamente inerente. Israel, pois, aprenderá a depender de Yahweh quanto à sua força, e outro tanto acontecerá às demais nações. E então se obterá paz duradoura.

5.11

Destruirei as cidades da tua terra. *Cidades fortificadas* faziam igualmente parte das guerras antigas. Poderiam passar-se anos para se acabar com uma cidade fortificada, a fim de destruir os habitantes que se abrigavam no interior de suas muralhas. Os babilônios atacaram Jerusalém por três anos, antes de obter sucesso. Cidades fortificadas davam a seus habitantes falsa confiança. Mas as instalações militares chegarão ao fim devido ao programa de paz de Deus. Yahweh tornar-se-á a segurança de uma nação, e esta se alicerçará sobre a obediência às leis morais. Os homens, uma vez transformados moral e espiritualmente, abandonarão a "loucura da guerra". A paz reinará entre cidades *sem muralhas.* Ver Eze. 38.11; Jer. 23.6; 49.31 e Zac. 2.8.

5.12

Eliminarei as feitiçarias da tua mão. *Os homens, uma vez restaurados,* buscarão a Deus e deixarão de lado a obsessão das feitiçarias e adivinhações. Os homens deixarão de lado o *modus operandi* inferior e se dirigirão diretamente à Fonte da espiritualidade. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Magia* e *Adivinhação,* quanto a detalhes e referências. A "auto-ajuda" do homem, por meios duvidosos, foi a fonte de muitas infrações das leis morais, atuando como substituto da verdadeira fé. A fé dos homens precisa ser endireitada antes de podermos ter plena comunhão com Deus. Isso será necessário para que se chegue ao reino de Deus. A palavra hebraica aqui traduzida por *feitiçarias* (*kasapim*) é usada em outras passagens do Antigo Testamento somente em II Reis 9.22; Isa. 47.9 e Naum 3.4. Os homens buscam nos espíritos, incluindo demônios, as informações de que precisam. Além disso, temos o lançamento de encantamentos (no hebraico, *'anan*), ou seja, a tentativa de manipular circunstâncias por meio da mágica e de objetos sagrados (ver Lev. 19.26; Deu. 18.10). "Portanto, tanto a magia como a adivinhação, com os seus primitivismos, serão abandonados, abrindo caminho para uma era de fé espiritual mais construtiva e exaltada" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

5.13

Do meio de ti eliminarei as tuas imagens de escultura. Todas as formas de *idolatria* também serão eliminadas, para que haja uma sã aproximação ao Ser divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* A selvagem imaginação do homem foi capaz de inventar uma interminável variedade de imagens e grande diversidade de cultos religiosos. Eles usavam instrumentos para modelar imagens e empregavam *colunas* como memoriais sagrados e locais de adoração. Quanto às colunas sagradas, ver sobre *Aserá,* em I Reis 14.15,23; II Reis 17.10 e 18.4. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos,* III.4, parte relacionada a *Aserá.* Os povos pagãos contavam com colunas de pedra e postes de madeira, que algumas vezes eram árvores moldadas sob a forma de ídolos. Talvez alguma divindade residisse nas árvores ou chegasse àquele lugar para encontrar seus adoradores fiéis. Aserá era a deusa cananéia do mar, consorte de Baal. Eventualmente, porém, os homens deverão abandonar esses tipos de deuses, que podem ser fabricados por mãos humanas, conforme ditam suas imaginações férteis, a fim de achegar-se à Fonte celeste da espiritualidade. Cf. este versículo com Isa. 2.8,18-21; 30.22; Zac. 13.2. Ver especialmente Isa. 40.18-20; 41.18-20; 44.9-20 quanto a tiradas eloqüentes contra a idolatria. Ver também Jer. 2.23-25; 10.2-10; 11.13; 23.13,14.

5.14

Eliminarei do meio de ti os teus postes-ídolos. Continua aqui a tirada de Miquéias contra a idolatria. Dessa vez, porém, são denunciados os bosques dos *Lugares Altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Esses bosques seriam arrancados e pereceriam juntamente com todas as cidades que se tinham entregado aos cultos pagãos. Note o leitor que Manassés tinha violado o próprio templo com diversos tipos de idolatria (II Reis 23.6). A infecção era universal; a enfermidade era fatal. Cf. este versículo com I Reis 15.13; 16.33; 18.19 e Deu. 16.21.

5.15

Com ira e furor tomarei vingança sobre as nações que não obedeceram. Israel sofreria sua merecida punição, e as nações pagãs, que corromperam tanto a Israel quanto a si mesmas, com seus deuses que nada representam, não escaparão. A vingança de Deus, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), zerará as contas correntes. Contrastar este severo versículo com Miq. 4.1,2. A vingança deverá preceder a restauração e a produzirá. A palavra de Yahweh fora ouvida, mas não obedecida, mas essa situação, que tinha continuado por longo tempo, não poderia ficar sem punição. O tempo está no lado da verdade e da justiça. As rodas dos julgamentos divinos moem lentamente, mas moem muito fino. Cf. Sal. 149.7.

Quando a guerra termina, e a vitória está ganha;
Quando os verdadeiros e fiéis se reunirem um por um;
Ele coroará de glória todos os que aparecerem.
Estarás tu ali?

(W. S. Brown)

Capítulo Seis

A Esperança Triunfa sobre a Adversidade (6.1 – 7.20)

Algum dia, as ondas bravias do mar cederão, e então haverá paz. Mas os ímpios continuam a despertar as ondas, pois nunca descansam. "Os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo" (Isa. 57.20). O propósito beneficente de Deus acabará vencendo a longo prazo, mas isso pode levar um longo tempo. Miq. 6.1-7.7 apresenta uma série de lamentações, ameaças e denúncias da qual nenhuma classe de israelitas poderá escapar. Temos aqui a reiteração e o embelezamento de temas vistos em Miq. 1.2-3.12. "Esta seção sumaria o que fora dito antes, e adiciona um apelo, da parte do profeta de Deus, em favor de seu povo. A seção finalmente enfoca as bênçãos que descerão sobre o povo por causa da bondade de Deus" (John A. Martin, *in loc.*).

Controvérsia de Deus com Seu Povo Desviado (6.1-5)

A Acusação (6.1-2)

6.1-2

Ouvi agora o que diz o Senhor. O tribunal estava reunido e Yahweh se apresentou para expor Sua acusação contra Israel. Trata-se de um *tribunal cósmico,* visto que a causa é apresentada na presença dos montes. Essa história foi narrada às colinas. Elas eram testemunhas contra Israel, porquanto estavam lá fazia séculos, observando a idolatria-adultério-apostasia que tinha sido praticada. Além dos montes e das colinas, os fundamentos da terra (vs. 2) também estavam ali. Esses também ouviriam as evidências condenatórias. O argumento seria convincente e absoluto. Não haveria a menor sombra de dúvida que Israel era culpado, segundo fora acusado. A maldade de Israel tem sido testemunhada universalmente. Os israelitas não seriam capazes de escapar à condenação e ao castigo. "As colinas, montanhas e fundamentos da terra serão o júri, o que tem significação mundial. Deus estava prestes a assumir o papel de advogado de acusação (a controvérsia do Senhor). Israel estava sentada no banco dos réus condenados" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

"Uma convocação similar acha-se em Deu. 32.1: "Inclinai os ouvidos, ó céus, e falarei; e ouça a terra as palavras da minha boca" (Ellicott, *in loc.*). Cf. também Isa. 5.3 e 43.26. Ver igualmente Isa. 1.2; Jer. 2.12 e 22.29.

6.3

Povo meu, que te tenho feito? e com que te enfadei? Responde-me. A paciência de Deus é quase infinita, e Ele continua dando aos homens tempo para que se arrependam. Por outro lado, há um poder divino nessa paciência que, finalmente, ferirá os ofensores a longo termo. Além disso, nenhum homem culpado passará sem seu próprio castigo, em harmonia com a lei moral de Yahweh. Os poderes divinos são cósmicos, envolvendo funções celestiais, como o redemoinho e a tempestade. A presença do Senhor também é universal, e Suas maneiras de castigar formam multidão. "A longanimidade de Yahweh não pode ser atribuída a uma possível fraqueza" (Ellicott, *in loc.*). Antes, deve ser atribuída a Seu grande amor. Cf. Êxo. 34.6,7 e Lam. 3.22. Não obstante, o povo de Israel desgastou a paciência do Senhor, ao mesmo tempo que, presumivelmente, eles Lhe perguntavam por que o Senhor os desgastava. A nação de Israel, pois, foi convidada a testificar contra Yahweh: O que Ele tinha feito de errado contra eles? De que maneira Ele havia injuriado o Seu povo? O que Ele fizera que tinha azedado as coisas? Essa é uma afirmação da "inocência divina". O que fora feito de errado estava do lado do povo acusado. Cf. Isa. 43.23 e Mal. 1.13.

6.4

Pois te fiz sair da terra do Egito e da casa da servidão te remi. Deus tratara com o povo de Israel baseando-se em Seu poder, e esse poder sempre fizera o bem para eles. Um conspícuo exemplo histórico fora o livramento de Israel do Egito, tema muito repetido no Antigo Testamento, figurando por 20 vezes somente no livro de Deuteronômio. Ver as notas expositivas sobre Deu. 4.20. O povo de Israel contara com o profeta Moisés e com Arão para guiá-los para fora do Egito. Por meio de Moisés veio a lei, o *guia para a vida* (ver Deu. 6.4 ss.). Provavelmente, Miriã foi mencionada aqui por causa do cântico que celebrou o livramento dado por Deus (ver Êxo. 15.21) e porque ela era uma profetisa que cumprira o seu papel (ver Êxo. 15.20). Arão era o cabeça do sacerdócio levítico, bem como o principal auxiliar de Moisés. Uma liderança adequada foi provida para a crise no Egito e no deserto. Yahweh sempre fora o ajudador do povo de Israel. Ele provia liderança para os homens, para as mulheres e para toda a nação de Israel.

6.5

Povo meu, lembra-te agora do que maquinou Balaque, rei de Moabe. Muitos atos salvatícios deram ao povo de Israel o sucesso e, finalmente, levaram-nos à Terra Prometida. Considere o leitor estes dois pontos: 1. Balaão e Balaque formaram uma equipe contra Israel que Israel precisou derrotar. E o Senhor os derrotou (ver Núm. 22-24). 2. Setim foi o lugar onde os israelitas se demoraram, depois que o episódio que envolveu Balaão se encerrou (ver Núm. 25.1; Jos. 2.1 e 3.1). Os israelitas cruzaram o rio Jordão com segurança e então se acamparam em Gilgal, enquanto preparavam um ataque contra Jericó. Cada passo dado pelos israelitas foi ordenado por Yahweh. Ele os liderou do princípio ao fim. Setim foi o último acampamento a leste do rio Jordão (Jos. 3.1); e Gilgal foi o primeiro acampamento depois da miraculosa travessia desse rio (Jos. 4.19). Ver os nomes próprios no *Dicionário.* Setim era o nome do vale nas planícies de Moabe (Joel 3.18), de onde Josué enviou os espias para espiar Jericó. Todas as circunstâncias foram ordenadas por Yahweh, que estava cuidando do *bem* pelo Seu povo.

As Cinco Perguntas da Religião Fundamental (6.6-8)

6.6

Com que me apresentarei ao Senhor...? Encontramos aqui um convite para que houvesse uma expressão superior da fé religiosa. A questão básica é a validade do sistema de sacrifícios, o que era fundamental para o povo de Israel e parte de suas antigas tradições. "Esses três versículos concentram o poder dos passos espirituais clássicos em Amós 5.21-24 e Isa. 1.10-17. E também parecem estar relacionados a Isa. 40.16 e Sal. 51.16,17" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

As Cinco Perguntas:

1. Uma *pergunta geral* introduz as demais perguntas. Como pode um homem aproximar-se corretamente de Yahweh, buscando Seu favor tentando agradá-Lo? A fé religiosa é somente um sistema de sacrifícios, com seus ritos e rituais? Não haverá algo mais profundo que satisfaça a alma?
2. A segunda pergunta também é geral, fazendo referência ao *sistema de sacrifícios* através do qual, ao que se presume, Israel deveria aproximar-se de Yahweh. Esse sistema consistia em *inúmeras* regras, entre as quais a que dizia que somente *cinco* animais podiam ser sacrificados (ver Lev. 1.14-16). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas,* quanto a detalhes. Então cada tipo de oferenda estava circundado por leis. Os holocaustos requeriam que uma novilha de um ano de idade fosse usada. Ver Lev. 9.2,3. Ver Lev. 1 quanto às muitas leis que tinham de ser seguidas.

6.7

Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros?

3. Ficaria Yahweh satisfeito com tais expressões religiosas? Esta pergunta retórica espera uma resposta negativa. Ele não se sentiria satisfeito mesmo que houvesse milhares de sacrifícios, acompanhados por oferendas de cereais suficientes para consumir 10.000 rios de azeite. Ver Lev. 2.1,15. Uma hipérbole oriental circunda a pergunta, mas considere o leitor as absurdas quantidades de oferendas feitas por Salomão (ver I Reis 8.63) e também por Ezequias (II Crô. 30.24). Josias foi outro exemplo de quem fez oferendas exageradas (ver II Crô. 35.7). A mera abundância não ajudava um sistema que se tornava obsoleto diante dos olhos dos profetas. É inadequado falarmos aqui em sacrifícios "abusivos" e "sem sinceridade". Pelo contrário, a luz próprio do Novo Testamento começava a raiar. O sistema de sacrifícios de animais seria completamente eliminado, e algo melhor tomaria seu lugar.
4. Miquéias não estava tolerando sacrifícios humanos, mas levantando a pergunta sobre um sacrifício supremo *hipotético,* o sacrifício de um filho primogênito. Mesmo que um sacrifício desses pudesse ser feito, o sacrifício de um filho amado, seria suficiente para agradar a Yahweh? Esta é uma pergunta retórica que antecipa uma resposta negativa. O sacrifício de crianças, naturalmente, era proibido pela legislação mosaica. Ver Lev. 18.21; 20.2-5; Deu. 12.31 e 18.10. Isso, contudo, não fez Israel interromper a prática. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Moleque, Moloque.* Os antigos costumes orientais incluíam o ato ousado de um casal sacrificar seu filho primogênito, a fim de ter muitos outros filhos, bem como a alcançar prosperidade. Os "deuses" assim requeriam. A lei de Êxo. 22.29 é reflexo desse antigo costume. Ossos infantis sabrecados têm sido encontrados nas esquinas das casas e dos edifícios públicos, o que nos mostra a quais extremos chegou esse costume. Porém, esses costumes sem dó não trouxeram bênçãos divinas. Pelo contrário, eram malditos e provocaram os mais severos julgamentos divinos.

6.8

Ele te declarou, ó homem, o que é bom.

5. O que foi revelado por Yahweh? O que pode fazer um homem para agradar ao Senhor? Esta é a quinta pergunta, que destaca a resposta sobre a fé

espiritual apropriada. A resposta é: As questões mais importantes da fé: a justiça, a bondade e o amor, o andar humilde diante de Yahweh, de acordo com esses princípios. A resposta se acha na lei de Moisés, mas quanto a isso estamos falando das demandas morais, e não das exigências sacrificiais e ritualistas. A distinção entre a lei moral e a lei espiritual foi, finalmente, feita na teologia cristã, mas versículos como o presente já avançam na direção dessa percepção. Cf. Deu. 6.4,5; 10.12,18. "Esta passagem é talvez um dos picos montanhosos da realização espiritual do Antigo Testamento. Os outros picos são: Deu. 6.4,5; Lev. 19.18b; Amós 5.24 e Jon. 4.2... Esta clássica declaração de Miquéias, com seus tríplices princípios, é um guia para o desenvolvimento religioso" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*). Cf. também Eclesiastes 12.13. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar,* quanto a esta metáfora. Ver também, no *Dicionário,* os artigos denominados *Justiça; Misericórdia* e *Amor,* quanto às virtudes cardeais que devem ser a essência da vida espiritual do homem bom.

O Apelo Final de Yahweh a Jerusalém (6.9-16)

6.9

A voz do Senhor clama à cidade. "Jerusalém, que é tão ímpia quanto Samaria (ver o vs. 16), precisava ser destruída" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Tal como a nação do norte, a nação do sul tinha-se afastado demais em sua idolatria-adultério-apostasia, e estava além da possibilidade de arrepender-se. Tal possibilidade lhe fora oferecida, mas Judá se tornara incapaz disso. De fato, o que os homens bons se recusam a fazer, durante longo período de tempo, torna-se impossível, porquanto a alma deles tornou-se corrupta e totalmente insensível.

O profeta Miquéias oferece aqui uma lista representativa dos pecados de Judá, a fim de demonstrar a total depravação daquele povo. Isso faz de nós parte do processo judicial com o qual este capítulo se inicia. Trata-se da *acusação* representativa que provou a culpa e justificou a vingança divina.

"A voz do Senhor grita para a cidade. A pessoa *sábia* honra o Senhor. Portanto, dai atenção à vara do castigo. Dai atenção Àquele que ameaça punir" (NCV). Os poucos sábios que restavam talvez ouvissem o convite ao arrependimento. Talvez *esses* escapassem ao temível ataque da Babilônia. O homem sábio *teme ao Senhor.* Essa é a fórmula da espiritualidade básica do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor,* e ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7 quanto a notas expositivas detalhadas sobre a questão. Aqueles que ouvirem o convite divino, que compreendam que estão envolvidas questões importantíssimas, e que ajam de conformidade com isso. Note o leitor a tradução da NIV: "... temer o Seu nome é ter sabedoria. Dai ouvidos à vara e Àquele que a determinou", que traduz um original hebraico incerto. Cf. este versículo com Isa. 9.13; 10.5,24 e 26.10.

6.10

Ainda há na casa do ímpio os tesouros da impiedade? Judá guardou seus pecados como se fossem tesouros, e esse depósito tornou-se realmente volumoso. Yahweh não podia negligenciar o maldito acúmulo de pecados. Alguns estudiosos compreendem literalmente essa referência, como se apontasse para a pilhagem que os ricos tinham escondido e arrancado dos fracos e pobres. E continuavam enganando e acumulando bens materiais. Por isso, Yahweh amaldiçoou-os à "plena medida". *Um modo* como esse acúmulo ímpio tinha sido recolhido era o uso do "efa minguado", ou seja, o uso de pesos adulterados, conforme encontramos em Lev. 19.35,36; Deu. 25.13-16; Pro. 11.1; 16.11; 20.23; Osé. 12.7 e Amós 8.5.

6.11

Poderei eu inocentar balanças falsas? Este versículo expande o anterior, chamando nossa atenção para o fato de que Yahweh nunca negligenciaria nem teria como *inocente* (sem julgá-lo) quem tivesse reunido suas riquezas mediante balanças falsas. A Mente Divina discernia essas abominações e trataria severamente os réprobos que perpetuassem as injustiças sociais, vinculadas a furtos e crimes de sangue. Os ímpios levavam em uma sacola seus pesos falsos, que serviam de meios de ganho ilícito. Essa sacola se tornou um testemunho contra eles. Usualmente, eram pedras de diferentes dimensões e pesos. As pedras pesadas eram usadas nas compras, ao passo que as mais leves eram utilizadas nas vendas; mas ambas representavam, presumivelmente, os mesmos pesos.

6.12

Porque os ricos da cidade estão cheios de violência. Além de usar pesos desonestos, aqueles homens ímpios e desvairados também apelavam para a violência e os crimes de sangue, a fim de obter o que queriam. Eles proferiam mentiras nos tribunais de justiça e espalhavam rumores falsos. Também atacavam os inocentes e caluniavam, para obter vantagens sobre outras pessoas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

6.13

Assim também passarei eu a ferir-te. Talvez a Septuaginta, Áquila, Teodoro e as versões siríaca e a Vulgata Latina estejam corretas substituindo aqui "passarei a ferir-te" por "sinto-me doente", diante dos pecados do Seu povo. Por outra parte, talvez esteja em mira a quase tragédia de 701 A. C., o caso do ataque de Senaqueribe contra Jerusalém (ver II Reis 19.35-37), que foi desviado pelo anjo do Senhor. O que os assírios não puderam fazer, os babilônios seriam ajudados por Yahweh a realizar: o aniquilamento completo de Judá e Jerusalém, com o subseqüente cativeiro dos sobreviventes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.* O vs. 14 também diz que o julgamento já havia começado.

6.14

Comerás, e não te fartarás. Temos aqui a promessa da fome, que talvez se impusesse por meio da seca e do ataque de insetos, como os gafanhotos. Os recursos começariam a diminuir. Os tempos ficariam difíceis, e não seria possível continuar ajuntando bens, nem mesmo através de pesos desonestos ou violência. A pobreza varreria a terra de Israel e consumiria os lucros e a poupança. Além disso, haveria a espada sem misericórdia, ou seja, a guerra, a invasão por parte dos poderes estrangeiros. "Aquilo que guardassem em seus depósitos seria tomado pelos inimigos (ver Lev. 26.16,17; Deu. 28.33). Eles planariam, mas isso não produziria uma colheita (ver Deu. 28.30). Levados para o cativeiro, não lhes seria permitido desfrutar o produto de seus labores (Miq. 6.15; cf. Deu. 28.39,40). Tal e qual Deus havia declarado (Deu. 28), esses castigos resultavam da falha do povo em obedecer ao Senhor" (John A. Martin, *in loc.*).

6.15

Semearás, contudo não segarás. A semeadura continuaria em menor escala, mas as colheitas seriam fracas ou mesmo inexistentes. Mas então, no cativeiro, os judeus semeariam e haveria abundância; mas, na verdade, eles produziriam para seus captores. Eles trabalhariam muito, mas obteriam pouco como retorno; pisariam as uvas, mas não beberiam o vinho assim produzido; espremeriam o azeite das azeitonas, mas não conseguiriam nenhum azeite para si mesmos. Cf. Amós 5.11, passagem sobre a qual provavelmente repousa este versículo. Eles receberiam o mesmo tratamento que tinham dispensado aos pobre de Judá. A *Lex Talionis* (retribuição conforme a gravidade dos crimes cometidos) se cumpriria. Ver sobre essa questão no *Dicionário.*

6.16

Porque observaste os estatutos de Onri, e todas as obras da casa de Acabe. Onri e seu filho abominável, Acabe, eram tão totalmente corrompidos que se tornaram figuras proverbiais para representar a iniqüidade. Além disso, adicione-se a essas duas horrendas personagens a figura de Jezabel (esposa de Acabe), e teremos uma equipe imbatível e corrupta, que nunca deixou de praticar o mal, quando se oferecia alguma oportunidade. Ver sobre esses nomes no *Dicionário* e também em I Reis 16-22. Miquéias lançou mão dos *piores exemplos* que ele pôde pensar para referir-se à nação de Judá de seus dias. O pior que a nação do norte tinha produzido era como a idolatria-adultério-apostasia que tomara conta da nação do sul. O horrendo trio sobre o qual acabamos de falar, que vivera cerca de 200 anos antes, proveu ao profeta a sua lição objetiva. Judá sentir-se-ia chocado e ofendido com o uso dessa ilustração; mas a ilustração era exata. A vingança de Yahweh daria a Judá um assobio (derrisão), uma desolação e uma zombaria entre todos os povos que observassem o que lhes aconteceria, quando os babilônios fossem usados para aniquilar o lugar, mediante a mão de Yahweh. Cf. Eze. 34.29 e 36.6, onde temos declarações similares. Ver também Lam. 2.15,16. Foi um dia triste para Judá, quando as leis de Yahweh foram substituídas pelos "estatutos de Onri". Nenhum absurdo pior do que esse poderia ter ocorrido.

Capítulo Sete

Pessimismo e Desespero (7.1-6)

O inevitável tinha chegado. Judá, afundado em pecados, estava prestes a desaparecer sob o calcanhar dos atacantes babilônios. Nenhum hino fúnebre foi cantado por causa do cadáver caído. Os bons haviam perecido. Nenhuma pesquisa cuidadosa podia devolver à vida um deles. Judá era uma massa de feridas putrefactas. A enfermidade era fatal. A ordem era terminar o sepultamento o mais depressa possível.

7.1

Ai de mim! porque estou feito como quando são colhidas as frutas do verão. *Ai* do profeta e do povo que Deus condenou. As amargas tiradas do

profeta eram acuradas. A questão toda estava prestes a ocorrer. O profeta esperava encontrar alguma *fruta* em Judá que redimisse sua maldade em geral. Ele era como alguém que tinha ido aos campos, na expectativa de encontrar frutas, mas os achara inteiramente estéreis. Não havia nem uvas nem figos para colher. A nação estava destituída de elementos piedosos (literalmente, os *leais* ou *fiéis*, no hebraico, *hasid*). "Da mesma maneira que os primeiros figos são colhidos em junho, sendo muito apreciados pelos viajantes exaustos, o profeta buscou ansiosamente um homem bom. Mas sua experiência era como a do salmista, que clamou: 'Socorro, Senhor! porque já não há homens piedosos; desapareceram os fiéis entre os filhos dos homens' (Sal. 12.1)" (Ellicott, *in loc.*).

7.2

Pereceu da terra o piedoso. À semelhança de Diógenes, que, munido de uma lâmpada, saiu à procura de um homem honesto, mas não encontrou nem um sequer, por igual modo, Miquéias não encontrou um único homem piedoso em Jerusalém. Não havia um único homem reto que estivesse andando em harmonia com a legislação mosaica. O que ele encontrou foi um bando de criminosos que buscavam vítimas para roubar e matar. O que ele encontrou foram caçadores de homens que armavam laços e preparavam armadilhas para apanhar vítimas infelizes e impotentes. "Cada indivíduo por si mesmo, e o diabo que se aposse do último deles" era o lema da impia sociedade na qual Miquéias vivia. Quão imediatamente nossa comunidade internacional se tornou como aquela, em nossos próprios dias. Que Deus tenha misericórdia de um povo como o que vemos hoje em dia. Os criminosos tomaram conta de nossas ruas e de nossos parques, e invadem nossos lares à noite. Não haverá um fim nisso tudo? Quanto a essa violência e falta de lealdade, cf. Miq. 7.3-6. Cf. este versículo com Sal. 12.1 e Isa. 17.1. Diz o Targum: "Eles atraiçoam e entregam seus irmãos à destruição". Ver Hab. 1.15.

7.3

As suas mãos estão sobre o mal e o fazem diligentemente. Tecendo juntos suas expressões do mal, como se fosse uma rede gigantesca, eles se mostravam diligentes e entusiasmados. Os príncipes e juízes pediam subornos e faziam a "justiça" à base de seu lucro pessoal, em vez de fazê-lo em consonância com a lei de Moisés. Até mesmo os chamados grandes homens, que tinham a reputação de ser uma força positiva na sociedade, estavam envolvidos em inúmeros abusos.

Cf. a questão do *suborno*, em Miq. 3.11. Aquela gente formavam complexos do mal, como se fossem ramos de árvores, pois estavam implicados uns com os outros e embrulhados em um mesmo volume. Por conseguinte, aqueles homens maus faziam suas causas parecer complexas e complicadas, para que dessem a aparência de estarem seguindo algum plano mestre que visasse o bem. Mas esse era apenas um dos muitos desvios para o mal.

7.4

O melhor deles é como um espinheiro. "Até o melhor deles era como um espinheiro. Até o mais excelente deles é pior do que uma cerca de espinhos. Vossos vigias vos avisaram acerca deste dia. Agora, esse dia já chegou" (NCV). O "salário do pecado é a morte", e Judá não estaria isento. Yahweh estava prestes a fazer uma visita aterrorizante. Chegara a hora do aniquilamento de Judá. Os atalaias fiéis (os profetas) tinham visto esse aniquilamento com muita antecedência e feito os avisos convenientes. Agora, porém, já era muito tarde para o arrependimento. O exército babilônico já se pusera em marcha. A nação de Judá, que tinha esquecido sua herança espiritual, perderia suas terras, sua herança física. O exército babilônico não teria misericórdia. E a nação de Judá seria reduzida à *confusão*.

> *Também pus atalaias sobre vós, dizendo: Estai atentos ao som da trombeta; mas eles dizem: Não escutaremos.*
>
> (Jeremias 6.17)

7.5

Não creiais no amigo, nem confieis no companheiro. A *completa desintegração* caracterizou os dias que antecederam o ataque dos babilônios. Ninguém podia confiar em um vizinho ou em um amigo; nenhum homem podia ao menos confiar na própria esposa. Traição era a palavra prevalente; e essa traição se alicerçava na ganância e total depravação. O profeta Miquéias havia caído em um pessimismo quase psicológico. Por outra parte, o que ele dizia estava bem próximo da verdade. Até as relações familiares foram distorcidas pela corrupção generalizada e pela tolerância diante dos corruptos. "Nosso Senhor adotou essas palavras para expressar o conflito e as divisões que, segundo Ele previu, contaminariam o cristianismo (ver Mat. 10.35; Mar. 13.12; Luc. 12.53)" (Ellicott, *in loc.*). Cf. algo similar em II Tim. 3.1-3.

Adam Clarke (*in loc.*) tem um curioso comentário sobre este versículo, escrito em 1798, há 200 anos: "Sobre esta passagem... escrevi: *Não confieis em um amigo*. Diversos daqueles a quem me tenho deleitado em chamar por esse nome, me têm enganado. *Não confieis em um guia*. Tivesse eu seguido a alguns dos meus guias, e teria ido para a perdição. *Guarda a porta de tua boca daquela que reclina sobre o teu peito*. Somente minha esposa nunca me tentou enganar. Faz agora 27 anos que escrevi isso, e não acho causa para alterar o que escrevi então".

7.6

Porque o filho despreza o pai, a filha se levanta contra a mãe. Conforme dissemos anteriormente, a *traição* era a palavra do momento. Os afetos naturais, como o de um filho por seu pai, se haviam pervertido de tal maneira que um pai podia esperar ataques da parte de seu próprio filho. Não haveria respeito pelos pais (característica básica de um filho bom; ver Efé. 6.1,2). E as filhas não demonstrariam nenhum respeito por suas mães, e se levantariam contra elas, opondo-se aos desejos maternos e recusando-se a obedecer às suas orientações. E, naturalmente, parentescos mais distantes, como o de uma nora à sua sogra, caracterizar-se-iam pela hostilidade. Um homem não teria de ir longe para encontrar inimigos: esses inimigos estariam em sua própria casa, conforme Jesus disse que aconteceria, quando Seu evangelho começou a ser propagado (ver Mat. 10.35,36, passagem baseada no presente texto de Miquéias).

"Temos aqui a negação da própria vida, pois um homem não pode viver isolado da família, de seus amigos e de seus camaradas. Faz parte da condenação contra todo esforço do homem viver somente para si mesmo" (Harold A. Bosley, *in loc.*).

O Triunfo da Fé (7.7-20)

Um salmo encerra o livro de Miquéias. O final deste livro tem idéias similares ao final da segunda parte do livro de Isaías, bem como mostra alguma dependência em relação ao Salmo 137. Os críticos supõem que esses 14 versículos sejam uma adição posterior ao livro por parte de um editor qualquer. Os estudiosos conservadores estão certos, entretanto, de que esta parte final do livro de Miquéias foi um excelente trecho escrito pelo próprio profeta. Se ele depende do Salmo 137, então devemos supor que o profeta manipulou aquele salmo com propósitos próprios. Ver Isa. 33; 40-46, cujos versículos aparecem refletidos aqui. Identificarei os trechos tomados por empréstimo, conforme avançarmos.

"Deus exibirá o Seu amor constante a Israel, e a vergonha cobrirá os seus inimigos. Esta seção foi finalmente escrita no começo do período pós-exílico. Cf. Sal. 137 e Isa. 40-46" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre a seção final do livro).

"Falando por si mesmo e pelo piedoso remanescente mencionado em todo o livro, Miquéias declarou que continuaria a vigiar (cf. as 'sentinelas'; cf. 4), embora a nação estivesse em terrível condição. Sim, viria o julgamento, mas a salvação se seguiria. Deus seria o Salvador de Israel (cf. Isa. 59.20)" (John A. Martin, *in loc.*).

7.7

Eu, porém, olharei para o Senhor. Não confiando em seus contemporâneos, e nem mesmo em seus amigos íntimos ou em sua esposa (vss. 5,6), o profeta afirmou sua fé e confiança em Yahweh, seu Pai celeste. A palavra de Yahweh é verdadeira; as profecias inspiradas pelo Senhor estavam cumprindo-se; Sua vontade seria cumprida; há um lugar para o arrependimento para aqueles que buscam arrepender-se; mas há um julgamento para aqueles que não se arrependerem. Este versículo provavelmente foi escrito tendo em vista o desespero causado pelo cativeiro babilônico. Nunca as coisas estiveram tão erradas. O Salmo 137, no entanto, considera condições anteriores ao reino de Deus, quando a grande salvação de Yahweh será exibida. Ver Rom. 11.26.

7.8

Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito. A nação cativa, na Babilônia, fala a seus captores, adverte os babilônios a não exultar por causa de seu sucesso temporário, mediante o qual eles conseguiram derrotar e escravizar Israel-Judá. Note o leitor o "eu" coletivo: toda a nação de Judá expedia esse grito de esperança. Yahweh estava presente para erguer novamente o povo que tinha caído, ficando compreendido que Ele cumprirá as expectações de Seu povo. Algum dia, as trevas cederão lugar à luz de um novo dia. Cf. Sal. 37.24; Pro. 24.16. A queda da nação do norte foi final, mas isso não aconteceria com a nação do sul. Ver também Sal. 137.7,8 e Oba. 12 quanto ao regozijo dos ímpios.

7.9

Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra ele. A causa do exílio foi claramente afirmada aqui: os pecados de um povo contra Yahweh, o qual foi

ATÉ O HOMEM BOM É RUIM

O melhor deles é como um espinheiro; o mais reto é o pior do que uma sebe de espinhos... Porque o filho despreza o pai, a filha se levanta contra a mãe... A terra será posta em desolação, por causa dos seus moradores, por causa do fruto das suas obras.

Miquéias 7.4,6,13

*** *** ***

O HOMEM-PORCO

Vi uma Capela Toda de Ouro

Vi uma capela toda de ouro,
Na qual ninguém ousava entrar,
Chorando, muitos ficavam de fora,
Chorando lamentando, adorando.

Vi uma serpente erguer-se entre
As colunas brancas à porta,
E forçou, e forçou, e forçou;
E foi varando pela capela adentro.

Ao longo do belo pavimento,
Brilhante de pérolas e rubis,
Foi arrastando todo seu tamanho,
Até que, sobre o branco altar,

Vomitou todo seu veneno
Sobre o Pão e sobre o Vinho
Voltei-me então para o chiqueiro
E me deitei entre os porcos.

Willian Blake

forçado a tomar uma medida disciplinadora. A triste sorte de Judá foi merecida. A confissão de pecados e o arrependimento reverteria o lamentável curso de acontecimentos. Yahweh, que tinha ordenado aos babilônios punir Israel-Judá, mudaria de atitude porquanto a Babilônia também estava repleta de transgressões. Judá haverá de ser tirada da noite da ira divina para a luz da futura restauração. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Um dos mais incomuns documentos dos Estados Unidos da América é o Segundo Discurso Inaugural, no qual o presidente Lincoln admitiu que a guerra civil pela qual o país acabara de passar resultava do pecado nacional na questão da escravidão. "Os que são verdadeiros penitentes aceitam a punição contra a sua iniqüidade (ver Lev. 26.41,43). Contraste-se isso com aqueles que murmuram contra Deus e não percebem a própria culpa (ver Jó 40.4,5)" (Fausset, *in loc.*). Cf. II Sam. 24.14.

7.10

A minha inimiga verá isso, e a ela cobrirá a vergonha. O *inimigo de Judá,* que se vangloriava de Israel-Judá, fazendo a pergunta: "Onde está o Senhor, teu Deus?", ao ver os atos de libertação de Yahweh, seria coberto de vergonha. Os medos e persas seriam usados para ensinar aos babilônios uma lição amarga e humilhante. *"Onde está o teu Deus?"* era a zombaria clássica dos babilônios (ver Sal. 42.3; 79.10; 116.2; Joel 2.17). Eles insinuaram que o Deus dos hebreus era uma não-entidade, pois permitira que Seu povo fosse levado para o exílio. Mas agora a vergonha cobria os babilônios, por causa das indignidades que ela havia acumulado contra o povo de Judá. Este texto parece influenciado pela narrativa das nações arrependidas em Isa. 52.13-53.12" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*).

Embora os moinhos de Deus moam lentamente,
Contudo, moem excessivamente fino.
Embora com paciência Ele espere,
Com exatidão Ele mói a tudo.

(Henry W. Longfellow)

7.11

No dia da reedificação dos teus muros. O profeta Miquéias conseguia ver através das nuvens do exílio. Ele via as muralhas de Jerusalém sendo reedificadas. Com ousada fé, ele via essa cidade maior e mais extensa do que antes do ataque dos babilônios. Visto que isso ainda não aconteceu historicamente, os intérpretes dispensacionalistas vêem aqui a Jerusalém do tempo do reino dos céus, durante o milênio. Cf. este versículo com Núm. 22.24 e Isa. 5.5. Mas Jerusalém, estabelecida em paz pelo Messias, não precisará de nenhuma muralha de proteção (ver Zac. 2.4,5). Eze. 47.13-23 e Oba. 19 e 20 fornecem as expectações da grande e ideal cidade de Jerusalém.

7.12

Nesse dia virão a ti, desde a Assíria até às cidades do Egito. Agora o profeta contemplava, com seus olhos proféticos, a entrada triunfal dos judeus dispersos de todos os países para onde eles foram exilados. O "rio Eufrates" aqui mencionado identifica a Assíria e a Babilônia. Então todos os cativos judeus do Egito, identificados por seu rio, o Nilo, também voltarão do cativeiro. A visão do profeta Miquéias abrange do extremo norte ao extremo sul no tocante a Israel. O povo de Israel será trazido das *extremidades* a fim de ser restaurado. Os dispensacionalistas novamente vêem aqui o reino de Deus, bem como o recolhimento final do povo de Israel. Esse recolhimento será completo, pois tanto o extremo norte como o extremo sul entregarão os cativos judeus que ali houver, de mar a mar e de montanha a montanha, isto é, de todos os lugares imagináveis. Alguns vêem aqui o recolhimento universal da igreja de todas as nações, mas isso é apenas fantasia. Outros intérpretes vêem aqui uma profecia que teria sido cumprida no tempo dos macabeus, os quais expandiram e quase restauraram as fronteiras de Israel.

7.13

Todavia a terra será posta em desolação, por causa dos seus moradores. A volta triunfal e a restauração de Israel serão acompanhadas pela devastação de seus inimigos, principalmente a Babilônia, dentro da perspectiva histórica. A "terra", neste caso, provavelmente se refere ao território que vai do rio Nilo ao rio Eufrates, no vs. 12, que era, essencialmente, o *mundo total* dos judeus daquela época. Uma espécie de devastação geral é vista aqui, no caso dos adversários de Israel. Isso é novamente transferido para o futuro pelos estudiosos dispensacionalistas, sendo visto como um julgamento divino necessário contra as nações gentílicas ímpias, antes que Israel possa assumir seu lugar necessário no futuro esquema das coisas, como cabeça das nações. Cf. Mat. 25.32,33,46 e Isa. 24.1. A lei da colheita de acordo com a semeadura (ver Gál. 6.7,8) deverá operar em todas as questões internacionais, e não meramente no caso de indivíduos isolados. As nações semearam o vento e terão de colher tempestades (ver Osé. 8.7).

7.14

Apascenta o teu povo com a tua vara. Em contraste com a devastação que haverá nas nações gentílicas, a nação restaurada de Israel entrará em uma era de abundância e bênção divina, tornando-se, uma vez mais, as ovelhas do Pastor divino. Yahweh terá recolhido para Si mesmo Sua antiga herança. A vara do Senhor consolará e guiará os filhos de Israel. E também os disciplinará, sempre que isso for necessário. O povo de Israel "morará a sós", no sentido de que "não será molestado" pelos seus inimigos. A terra de Israel será abençoada juntamente com eles, e transformada em terra de florestas e ricas pastagens, que eram as antigas características de lugares como *Basã* e *Gileade* (ver a respeito no *Dicionário*). "As mais nostálgicas idealizações do passado glorioso de Israel serão ultrapassadas de forma colossal" (Rolland E. Wolfe, *in loc.*). Os dois lugares mencionados tinham a reputação de serem intensamente férteis. Em 734 A. C., Tiglate-Pileser III, rei da Assíria, varreu essa área, e todo o Israel tornou-se um parque de diversões para os estrangeiros. Essa circunstância será revertida, e as bênçãos da antiga história de Israel voltarão e até serão multiplicadas.

7.15

Eu lhe mostrarei maravilhas. Está em foco a retirada de Israel do Egito para ilustrar o beneficente poder de Yahweh em favor de Seu povo. Esse é um tema freqüente do Antigo Testamento. Aparece cerca de 20 vezes, somente no livro de Deuteronômio. Ver as notas expositivas a respeito, em Deu. 4.20. O poder antigo atuará novamente em favor de Israel e coisas maravilhosas o acompanharão. O futuro será mais glorioso do que o passado que os homens relembram com tanta saudade. Não nos devemos preocupar com o *olhar para trás.* É no *futuro* que as promessas de Deus terão maior cumprimento. *Maravilhas* acompanharam o livramento de Israel do Egito, bem como a história subseqüente (ver Êxo. 3.20; 15.11; Juí. 6.13; Sal. 78.12-16), mas Deus tem muitas outras maravilhas em Seu tesouro, que Ele nos mostrará. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! "O Senhor diz: Fiz muitos milagres quando vos tirei do Egito. Mas vos mostrarei mais milagres como aqueles" (NCV). O povo de Deus vive de milagre em milagre, por estar em contato com o Ser divino.

7.16

As nações verão isso e se envergonharão de todo o seu poder. Em contraste com Israel, que vive de milagre beneficente para milagre beneficente, estão as nações pagãs, que causaram toda a dificuldade e viverão de calamidade em calamidade. Elas eram blasfemadoras e críticas, sempre prontas a proferir palavras de zombaria e maldição amarga. Porão as mãos sobre a boca, em um ato de silêncio voluntário, porque verão o que estará acontecendo em Israel. As nações que virem os milagres de Yahweh ocorrer em Israel, a despeito de suas maldições, ficarão admiradas com o que virem. Tantos contos gloriosos sobre acontecimentos especiais ferirão seus ouvidos que elas se tornarão surdas pelo bombardeio. Cf. Isa. 52.13-15. Talvez o sentido seja que elas "recusar-se-ão a ouvir" o que lhes estiver sendo dito, devido à consternação. Todas as suas obras animalescas chegarão a ser consideradas nada. "Elas cerrarão os ouvidos para não serem compelidos a ouvir falar sobre os sucessos de Israel" (Fausset, *in loc.*).

7.17

Lamberão o pó como serpentes. Continua aqui a descrição dos inimigos derrotados, humilhados e maravilhados de Israel. Eles serão reduzidos a nada e, figuradamente, lamberão o pó da terra, tão baixa será a posição em que se colocarão. Serão como serpentes e outros animais que se arrastam sobre a terra, humilhados lá embaixo, ao passo que Israel estará exaltado lá em cima. As nações gentílicas tinham muitos fortins, mas esses foram demolidos, e os gentios sairão de dessas fortalezas pedindo misericórdia. "Estremecerão de medo. Se arrastarão pelo chão como se arrastam os insetos, ao saírem de seus buracos. Eles chegarão tremendo à Tua presença, ó Senhor nosso Deus. Eles tremerão de medo diante de Ti" (NCV). Alguns intérpretes vêem aqui uma espécie de "conversão forçada". Nesse caso, é aludido o tema de Miq. 4.1,2 e essa gente também participará do perdão mencionado no vs. 18. Outros, entretanto, vêem aqui somente o esmagamento das nações e deixam o tema da redenção somente no capítulo 4. Uma das fontes informativas fala de sua *condenação* e compara este versículo com Gên. 3.14, onde lemos que a serpente comeria o pó da terra todos os seus dias, por causa da maldição divina. Aprovo a redenção, porquanto há razões abundantes para acreditar que o amor de Deus escreverá o capítulo final da história da humanidade. Os julgamentos são dedos da amorosa mão de Deus.

7.18

Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade...? Não há Deus como Yahweh, também chamado de *Elohim* (o Poder) e *Adonai,* Senhor Soberano. Deus julga, mas julga para restaurar, pelo que caminhamos ao redor Dele como o *Deus de perdão.* Agora O vemos tomar de volta à comunhão o remanescente de Israel, que Ele libertou da servidão ao estrangeiro. Ele aceitou de volta Sua herança. Ele precisou julgar, mas se *deleita* em Seu *amor constante.* É nisso que Ele encontra prazer, ao mesmo tempo que julga em meio a uma necessidade desagradável. Este versículo não dá a entender que o amor de Deus se estenderá aos pagãos restaurados. Quanto a isso, temos de voltar-nos para Miq. 4.1,2. Também podemos lembrar o livro de Jonas, o João 3.16 do Antigo Testamento: "Pois Deus amou o mundo de tal maneira...".

Quanto à pergunta retórica "Quem é Deus como Tu?", cf. Êxo. 15.11; Sal. 35.10; 71.19; 77.13; 89.6 e 113.5. O nome de Miquéias significa "Quem é como Yahweh?". Portanto, o profeta pode estar fazendo um jogo de palavras com o próprio nome. O restante do livro dá alguma indicação de como Deus é, o Deus perdoador, restaurador e amoroso, o Deus que cumpre o pacto abraâmico, bem como todos os demais pactos que Ele firmou com Seu povo. O Deus incomparável é aquele que beneficia o homem ao perdoar-lhes as iniqüidades, passando por cima das transgressões, não retendo Sua ira para sempre, mas exercendo Seu famoso amor. Se não fossem assim as coisas, quem poderia ser salvo? Ver Lam. 3.22.

7.19

Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés a nossas iniqüidades. O *Deus incomparável* é Aquele que sente compaixão do povo desviado mas que voltou para casa, como o filho pródigo da parábola de Jesus (Luc. 15). Ele pisa aos pés os pecados deles, a fim de obliterá-los, porquanto não mais serão relembrados ou chamados ao nível da memória para despertar a ira divina. Ele lançará esses pecados no profundo mar azul, e esses pecados mergulharão no esquecimento eterno. De fato, Israel terá sido punido em *dobro* por causa dos seus pecados (ver Isa. 40.2), mas agora tudo isso terá passado. Um novo dia trará uma nova série de atos divinos, todos eles benéficos. O amor está ganhando terreno; e acabará vencendo definitivamente. Três palavras são usadas nos vss. 18-19 para indicar o pecado: pecado, transgressão e iniqüidade. Trata-se de um formidável trio, mas o amor constante deu fim a esse trio. Falemos agora sobre a misericórdia, o perdão e o amor, o *verdadeiro trio.* Com esse trio, chegamos mais próximos do coração de Deus.

7.20

Mostrarás a Jacó a fidelidade, e a Abraão a misericórdia. Jacó (Israel) será relembrado e abençoado. As antigas maldições serão anuladas. Isso porque existe o *amor constante* de Deus, que primeiramente surpreendeu Abraão, e continua a surpreender cada pessoa que dele toma conhecimento. Ver o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18, onde faço um sumário. Ver o artigo chamado *Amor,* onde ofereço materiais que podem ser usados como ilustrações, citações e poemas. Os homens tentam dizer coisas inteligentes sobre o amor de Deus, mas coisa alguma pode expressar corretamente o que o amor de Deus *pode fazer.* Os homens continuam falando, mas Deus continua fazendo. Sim, os homens continuam falando, e alguns deles falam contra o que o amor de Deus tenciona fazer finalmente: a *Restauração* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* quanto a esse tema).

Miquéias poderia ter terminado seu livro de maneira mais brilhante, caso tivesse retornado ao tema de Miq. 4.1,2, em vez de ocultar toda a glória de Deus somente em Israel. É bom ter falado sobre Israel e sobre Abraão, mas que dizer sobre todas as famílias da terra que nele seriam abençoadas? Seja como for, o livro termina bem, ao falar do amor e do perdão, bem como de antigos pactos que Deus não esquecerá de cumprir. A conclusão salienta a fidelidade e a bondade de Deus, e isso é até maior do que Miquéias sabia ou era capaz de exprimir. Convido o leitor a examinar as notas expositivas sobre Jon. 4.11, passagem que pode ser usada para ilustrar a visão mais ampla, com a esperança mais brilhante.